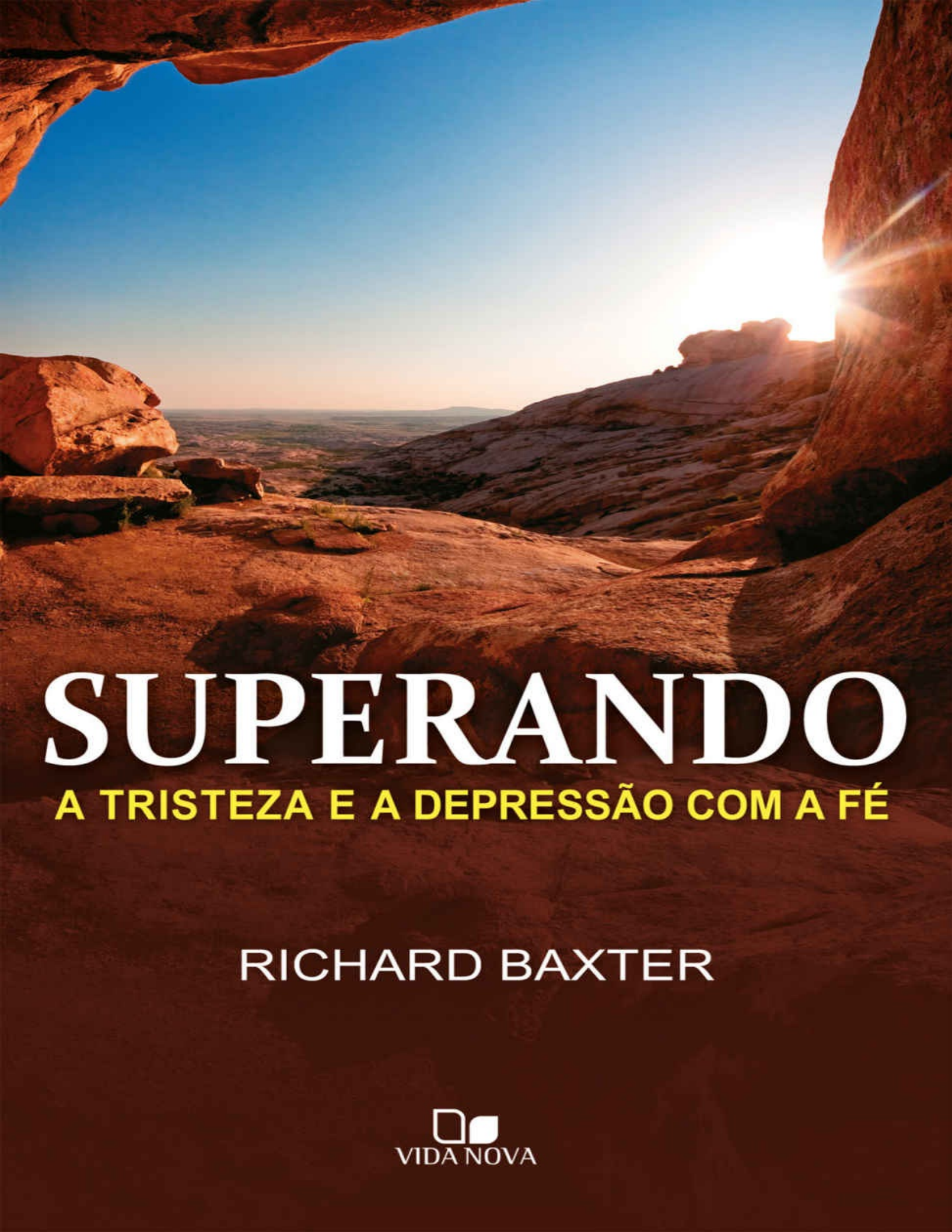




SUPERANDO

A TRISTEZA E A DEPRESSÃO COM A FÉ

RICHARD BAXTER


VIDA NOVA



SUPERANDO

A TRISTEZA E A DEPRESSÃO COM A FÉ



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baxter, Richard

Superando a tristeza e a depressão com a fé / Richard Baxter; tradução de Daniel Oliveira.
- São Paulo: Vida Nova, 2015.
ePub

ISBN 978-85-275-0656-4 (recurso eletrônico)

Título original: *The cure of melancholy and overmuch sorrow, by faith.*

1. Depressão mental 2. Cura pela fé 3. Tristeza – Aspectos religiosos 4. Vida cristã I. Título II.
Oliveira, Daniel

15-0718

CDD 248.8625

Índices para catálogo sistemático:

1. Depressão - orientação religiosa cristã

RICHARD BAXTER

SUPERANDO

A TRISTEZA E A DEPRESSÃO COM A FÉ

Tradução

Daniel Oliveira



©2015, de Edições Vida Nova

Título do original: *The cure of melancholy and overmuch sorrow, by faith.*

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Século 21* (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Lucília Marques

Magno Paganelli

REVISÃO DE PROVAS

Josemar de Souza Pinto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK

Felipe Marques

CAPA

OM Designers Gráficos

Sumário

Richard Baxter — um cuidador de almas

Ageu Heringer Lisboa

Tristeza, melancolia, depressão

Uriel Heckert

Superando a tristeza e a depressão com a fé

Richard Baxter

Quando a tristeza é excessiva

Como a tristeza excessiva consome o homem

As causas da tristeza

A cura da melancolia

Richard Baxter — conselheiro e discipulador

Dr. Cláudio A. B. Marra

Richard Baxter — um cuidador de almas

Ageu Heringer Lisboa¹

Richard Baxter, séculos antes do movimento da psicologia científica, praticou a cura de almas em sua acepção ampla. Encarava as pessoas em suas múltiplas dimensões, necessidades e potencialidades, o que deu forma a seu trabalho.

Foi um homem de lutas, enfrentando obstáculos contra seu ousado comprometimento com as pessoas de seu tempo. Nada burocrático, nem desejando as comodidades do rotineiro, identificou-se com gente de carne e osso em seus sofrimentos. Seu texto é uma penetrante análise do sofrimento psíquico e transtorno espiritual de paroquianos, conhecimento que foi se formando por meio do acompanhamento de pessoas, individualmente, e de habituais visitas pastorais às famílias. Nessas ocasiões, eram comentadas as Escrituras e atendidos os enfermos, com orações e recomendações de cuidados práticos.

Essa é uma dinâmica pastoral de cura de almas, de que Baxter é um dos precursores. O que aconteceria em nossas comunidades hoje se essa prática ganhasse corpo? Em um contexto em que a igreja negligencia o cuidado pessoal, não discipula e tampouco fortalece vínculos comunitários, temos uma vasta população sofrendo alienação religiosa e doenças psíquicas que poderiam ser evitadas. Quando a igreja falha, outras forças e instituições ocupam o espaço; as igrejas se tornam irrelevantes, e os hospitais e penitenciárias se enchem.

Os ensinamentos de Baxter refletem uma inteligência notável, fruto de observação cuidadosa, meditação e análise das Escrituras, referencial teórico que utilizou. Escreve com profundo interesse em despertar as pessoas para a realidade da presença sanadora de Deus, que deseja que todos sejam salvos, não apenas do inferno futuro, mas já agora do inferno que há dentro de muitas pessoas. Baxter vê a ação pastoral como o cuidado de vidas concretas, o que implicará conhecer cada ovelha, e não apenas ministrar no coletivo anônimo. Ajudando a pensar com base nas Escrituras, espanta a ignorância e possibilita a liberdade da alma e o crescimento emocional pelo desfrute da graça de Deus.

Neste livro, explana, com as categorias médicas de seu tempo, sobre os vitimados pela tristeza excessiva, a melancolia e os estados de alma associados ao sofrimento sem sentido. Aponta uma multidiversidade de causas associadas ao sofrimento, dando a necessária ênfase à precária condição da humanidade, desencadeada pela Queda, que afetou o humano em sua totalidade — o orgânico, o relacional, o cultural. Seu texto traz grande alívio aos que sofrem de equivocadas leituras das Escrituras, quando Deus se torna uma figura ameaçadora, sempre com uma disposição moralista e sádica para punir e fazer sofrer os descuidados e os que pecam. Nada mais distante do espírito da graça divina encarnada em Jesus, que veio justamente para tomar sobre si as dores, os pecados e os infortúnios humanos. Mesmo os mais atormentados de espírito, que se considerem irremediavelmente perdidos, pensando que perderam a salvação, encontrarão tremendo alívio com o tratamento bíblico-pastoral caridoso que aplica.

Baxter analisa a inter-relação dos sentimentos e o funcionamento da mente, as alterações da percepção e o juízo de que somos capazes ou vítimas, os quais interferem tanto na leitura das Escrituras quanto de si mesmo. Nesse aspecto, distancia-se dos rígidos escolásticos ou letristas moralistas que veem pecado em tudo. Demonstra como o adoecimento

físico e o sofrimento psíquico não estão sempre diretamente associados a pecado e culpa, nem afastam Deus da pessoa. E mais: a ação demoníaca está sujeita ao poder misericordioso de Deus. Assim, combate o pensamento mágico e o reducionismo espiritualizante, considerando razões naturais e sociais também presentes. Enfatiza a plena suficiência da graça sobre a totalidade dos pecados, a esperança como âncora da alma e vê o amor como equilíbrio da vida e indicativo de sanidade e santidade.

Por fim, oferece instruções para uma pastoral do cuidado espiritual, eticamente construída, mostrando que a fé não ignora a técnica.

Tristeza, melancolia, depressão

Uriel Heckert²

A alma e o corpo são parceiros nas doenças e na cura. Embora não saibamos como isso acontece, a experiência nos mostra que é assim.

RICHARD BAXTER

Fala-se cada vez mais em depressão. Referem-se à depressão do humor; bem entendido, esse é um estado de abatimento emocional que atinge grande número de pessoas. Como entender o fenômeno? Estamos diante de uma epidemia de sofrimento psíquico? Haveria algum excesso na identificação do problema? Seria um modismo a nos desviar de questões mais profundas?

Uma pesquisa realizada com a população urbana adulta no Brasil indicou que a prevalência de depressão, ao longo da vida, chega a 20,9%.³ Um estudo da Organização Mundial da Saúde concluiu que os transtornos mentais afetam 30% dos habitantes do planeta, destacando-se entre eles os quadros de depressão do humor e os de transtornos da ansiedade.⁴

Entretanto, não se pode negar que o termo caiu no uso comum, passando a ser empregado de forma indiscriminada. Até mesmo profissionais da saúde o utilizam sem o devido cuidado. Pode-se falar até mesmo em um estímulo para que variados quadros psíquicos sejam assim rotulados. As pessoas se sentem confortadas ao definir seu sofrimento em uma expressão, sem maiores questionamentos ou explicações; e os profissionais se acomodam ao empregar o rótulo,

furtando-se da investigação mais profunda. Interesses econômicos acompanham ambos os grupos, fortalecendo a solução escapista com argumentos aparentemente científicos e sugerindo logo o uso de medicamentos como a solução mais adequada.

Diante de tamanha simplificação, nada melhor que recorrer à história e nos ancorar em textos clássicos. Depressão é expressão recente para um mal antigo. A tristeza, por certo, inclusive em suas formas extremas, é conhecida desde a Antiguidade. Vergonha, culpa, medo e ira surgem precocemente no relato do livro de Gênesis; perdas logo se impõem, criando terreno propício ao abatimento emocional.⁵ Tristeza, por vezes adjetivada de profunda, é a expressão usada pela Bíblia.

O termo “melancolia” surge na medicina grega, derivado da teoria dos humores. Atribuída a Hipócrates (460-370 a.C.), ela relacionava os distúrbios físicos e psíquicos a desregulações dos quatro fluidos orgânicos, que seriam bile, sangue, fleuma e bile negra. A melancolia estaria relacionada a distúrbios do último (*melas* = “negro” + *chole* = “bile”). Correlato a ela, o “temperamento melancólico” foi caracterizado por introspecção, desânimo e pessimismo. Tais conceitos perduraram durante séculos, sendo até mesmo recuperados em algumas concepções da pós-modernidade.

Somente na segunda metade do século 19 é que o termo “depressão” passa a dominar o vocabulário psiquiátrico.⁶ Os trabalhos de Emil Kraepelin (1856-1926) são destacados, pois permitiram descrever a chamada psicose maníaco-depressiva, hoje conhecida como transtorno bipolar, condição na qual quadros de abatimento do humor se alternam com outros de exaltação e agitação psíquica.

Nos dias atuais, a palavra “melancolia” é reservada para algumas formas graves de depressão, nas quais se verificam duas condições

básicas: perda do prazer para todas ou quase todas as atividades e falta de reatividade a estímulos habitualmente agradáveis.⁷

O sofrimento humano é o mesmo ao longo do tempo, a despeito das variações nas formas de adoecimento e nas suas expressões. Os termos e definições procuram ser mais específicos, mas não dizem tudo. A tristeza, a melancolia e a depressão são demais para o entendimento exclusivamente científico.

Portanto, a contribuição deixada por um homem culto, atencioso e sensível aos problemas humanos deve merecer toda a nossa consideração. Richard Baxter pode ser definido como um “cura d'almas” que viveu na Inglaterra entre os anos 1615 e 1691, exercendo um ministério pastoral profícuo que atingiu desde pessoas do povo até a corte de Charles II. Tendo ele próprio experimentado situações hostis, que incluíram dezoito anos de prisão em decorrência da sua oposição ao ordenamento político-religioso vigente, pôde nos deixar escritos preciosos e de frescor surpreendente.

O texto que temos em mãos oferece *insights* de grande valia tanto para profissionais e conselheiros envolvidos na tarefa de ajuda quanto para as pessoas em geral. Aqueles que passam por depressão ou já experimentaram tal situação, bem como os familiares e amigos que tentam colaborar, encontrarão nele indicadores práticos e eficazes. Mais que tudo, as sugestões apresentadas visam à prevenção, sendo, assim, do interesse de todos nós.

A descrição que o autor faz dos quadros depressivos é surpreendentemente rica. Ele relembra sintomas bem comuns em tais situações: “as pessoas não encontram prazer em nada”, “a vida se apresenta penosa”, “comem por absoluta necessidade, até com aversão e repugnância”, “pensamentos, preocupações e medos estão fora de controle”. As consequências são inevitáveis: “isolamento social”, “prejuízo profissional”, entre outros.

O seu relato consegue ir além da observação superficial, para destacar manifestações sutis: a ruminação obsessiva, repetição estereotipada de ideias negativistas e mesmo blasfemas; as perturbações do pensamento, que se torna lento e de tom pessimista, sempre autoacusatório; a presença de falsos juízos, capazes de gerar convicções infundadas, muitas vezes autorreferentes e irreduzíveis à argumentação (p. ex., a certeza de que se cometeu “o pecado sem perdão”); alucinações, ainda que raras (“Alguma coisa fora deles, falando em seu interior”).

Pensamentos relacionados ao fim da existência também são identificados, chamando ele a atenção para os riscos até mesmo de tentativas de suicídio. Quando não se chega a tanto, o sofrimento vivido e a impossibilidade de enxergar melhoras dão lugar a um desejo latente de que tudo termine.

O impacto de tais vivências nunca é pequeno: o declínio do estado de humor “consome a esperança”, “consome a fé”, “transforma a oração em mero lamento”. Poderíamos pensar em experiência humana mais impactante?

Quais são as causas dos transtornos depressivos? A tendência em nossos dias é considerá-los de origem multifatorial: estariam implicadas a predisposição genética, passando por experiências precoces durante a vida fetal, o nascimento e a infância. As características de personalidade teriam também o seu papel, ativadas por situações traumáticas do cotidiano, com destaque para a ocorrência de perdas reais ou simbólicas.

Baxter, ao contrário do que se poderia esperar, demonstra um entendimento avançado da questão. Ele fala de um “desequilíbrio”, “fraqueza” ou mesmo “enfermidade” do corpo que afeta secundariamente a alma (“A causa permanece em seu corpo doente”). Vê que as doenças físicas predispõem ao abatimento do ânimo,

especialmente quando implicam dor crônica. Perdas significativas, morte de pessoas próximas, acidentes naturais, experiências traumáticas inesperadas, tudo pode trazer uma “grande maré de tristeza, de uma hora para outra”.

Ele reconhece ainda que as suscetibilidades pessoais são igualmente importantes: “propensão para o tormento”, “dificuldade para se tranquilizar”, “pouco autocontrole”, “temperamento infantil, doentio e impaciente” são alguns exemplos. Muitos seriam como “uma folha trêmula”, capaz de se abalar com um leve susto ou uma palavra.

Devemos reconhecer que experimentamos nos dias atuais uma forte tendência à “naturalização” dos fenômenos psíquicos. Assim, satisfazemo-nos com as explicações genéticas, neuroanatômicas e bioquímicas de que já dispomos. Entretanto, a visão científica veiculada pela medicina e pela psicologia e que se consolidou em nossa cultura a partir dos séculos 17 e 18, deixa um vazio de significado que incomoda os que buscam ajuda. Não é raro vê-los recorrer ao mesmo tempo aos cuidados de um profissional e se submeter às formas religiosas ou até mesmo mágicas de cura. Outros tantos não se rendem aos nossos dogmas e se recusam a ser subjugados em suas crenças. Significativamente, dizemos que os últimos não aderem aos tratamentos oferecidos. Cabe perguntar se tudo isso não está revelando a insuficiência da abordagem oficial, muitas vezes arrogante a ponto de desqualificar processos seculares e universais de superação e cura. Editorial recente de renomada revista psiquiátrica alerta sobre esses fatos.⁸

Mesmo no contexto cristão, a racionalidade tem imperado, levando muitos a se satisfazerem com uma concepção secularizada dos problemas humanos. A teologia parece se render submissa, sem vigor para um diálogo abrangente com o pensamento contemporâneo. Assim é que são raros os autores dispostos a abordar a problemática do mal.

Mais ainda: diante de situações concretas, pouquíssimos são capazes de mencionar as evidências de ações malignas no comportamento de indivíduos e coletividades. Os profissionais da saúde nem de longe cogitam esse “fator esquecido”, temerosos de serem vistos por seus pares como pessoas esdrúxulas e despreparadas. A figura sombria e muitas vezes trágica do exorcista medieval afugenta qualquer tentativa de aproximação ao tema. Não estaremos todos perdendo com essas atitudes?^{9, 10}

O rev. Baxter viveu antes da era do chamado Iluminismo e, portanto, não padeceu dos nossos constrangimentos. Assim, pôde falar com liberdade sobre possíveis influências diabólicas sobre a mente; porém, mesmo nesse ponto, revelou seu bom senso e equilíbrio. Longe de atribuir todo mal aos demônios ou de sugerir rituais de exorcismo, ele lembrava que o enfermo necessita de uma abordagem amorosa e sincera, contanto que não se desconsiderem as dimensões espirituais do seu estado. Destaca a importância da consideração de tais questões, enfatizando que, “para o doente, sabê-lo é para conforto, e não para desespero”.

Assim, alertando que a crise representada pelo sofrimento sinaliza sempre algo mais profundo, ele sugere que pode haver “um amor em demasia ao corpo e a este mundo”. O abatimento e a doença não representam ausência da graça de Deus, mesmo porque “tentação não é pecado”. Portanto, a “revelação de algum pecado causador” não deve ser considerada contraproducente, pois se mostra mais eficiente do que a atitude daqueles que apressadamente “apenas consolam”. É possível que haja “uma falta ou perda que não se é capaz de suportar”, representando “o que se ama em excesso”; senão, que se esteja cultivando algo inadequado, já que “somente pecados amados arruinam os homens”. No seu entender, “o amor vem antes do desejo”.

Nada temos de estranhar em suas considerações, pois hoje sabemos que a ressignificação das experiências traumáticas e dos períodos de sofrimento, fator decisivo para o alívio dos sintomas e de sua possível superação, passa pelo reconhecimento e valorização do sistema de crenças que sustenta cada um de nós.

Boa parte do texto original oferece sugestões de caráter preventivo, que podem ser úteis até mesmo àqueles que ainda não chegaram a níveis mais profundos de depressão: que a “impaciência obstinada” dê lugar à “paciência submissa”; que o “descontentamento mental” seja substituído pela gratidão; que o trabalho substitua o ócio; que a solidão seja evitada; que haja mais tolerância consigo; que se busque a ajuda de outros, sobretudo diante de pensamentos autoacusatórios e inclinações ao suicídio.

Entretanto, quando o abatimento emocional se impõe, a sugestão é que todos os recursos terapêuticos disponíveis sejam usados, sem restrições, não desconhecendo as dificuldades que a própria depressão acarreta. Sua orientação é clara: “Se outros meios não funcionarem, não negligencie os remédios; e, embora as pessoas melancólicas sejam avessas a eles, pensando que a enfermidade é apenas da mente, devem ser convencidas ou até mesmo forçadas a tomá-los”.

Mesmo assim, ele entende que a relação terapêutica sobressai como elemento básico na tarefa de ajuda, e que nem todos os profissionais estão igualmente habilitados para a tarefa. Sua indicação é que o enfermo, ou seu familiar, “escolha um médico que seja especialmente capacitado nessa doença e que tenha curado muitas outras pessoas”. Também que não se recorra a “homens apressados, ocupados e que fazem mais do que podem, que não conseguem ter tempo para estudar as doenças de seus pacientes”. Em resumo, seu conselho é que “aqueles que podem ter um médico circunspecto, cuidadoso, honesto, experiente, capacitado e vivido não negligenciem o seu uso”.

Sabidamente, propõe uma abordagem terapêutica multidisciplinar, capaz de se aproximar da complexidade dessas situações. Em suas palavras: “Os medicamentos e a teologia nem sempre são administrados juntos pela mesma mão; porém, neste caso de complicação perfeita de enfermidade da mente e do corpo, creio que seu uso não seja inapropriado”.

Baxter conclui que “a melancolia é uma doença complicada”, pois nela “a alma e o corpo adoecem juntos”. O que de melhor podemos fazer é nos precaver. Com tal objetivo ele nos oferece “Dez leis para sedimentar o coração”, bem como as “verdades espirituais aplicáveis ao coração”, isto é, observações doutrinárias e vivenciais capazes de nos preparar para enfrentar qualquer forma de sofrimento.

Seu texto serve, afinal, para desmistificar crenças científicas dominantes em nossos meios intelectuais. Nem tudo o que se fazia pelos enfermos antes que a psiquiatria e a psicologia emergissem como ciências era obsoleto e desumano. Muito ao contrário: uma investigação mais atenta e menos preconceituosa poderá identificar práticas e atitudes muito adequadas tanto na Antiguidade quanto em pleno período medieval. Os séculos 16 a 18, em especial, foram propícios ao desenvolvimento de ações carregadas de bom senso e compaixão, capazes de acolher e aliviar o sofrimento de muitos. A inspiração principal partia do desejo de expressar aos outros o amor maior que vem de Jesus Cristo. Não se deve esquecer, sobretudo, que foi a própria tradição cristã que forneceu as condições favoráveis ao desenvolvimento do conhecimento científico.¹¹

Foi muito oportuno resgatar o texto do rev. Richard Baxter. Lê-lo em detalhes, confrontando-nos com suas constatações e acolhendo suas sugestões, será valioso para todos. Que façamos bom proveito dessas preciosidades.

¹Ageu Heringer Lisboa é psicólogo formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

²Uriel Heckert é mestre em Filosofia e doutor em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo. É médico psiquiatra, professor aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora, membro pleno do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) e presbítero da Igreja Presbiteriana de Juiz de Fora.

³L. Andrade; E. E. Walters; V. Gentil; R. Laurenti, “Prevalence of ICD-10 mental disorders in a catchment area in the city of São Paulo, Brazil”, in: *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 2002, 37(7): 316-25.

⁴World Health Survey (WHS), disponível em:
<http://www.hcp.med.harvard.edu/wmhiindex.php>.

⁵Gênesis 3 e 4.

⁶T. A. Cordas, *Depressão: da bile negra aos neurotransmissores* (São Paulo: Lemos Editorial, 2002).

⁷DSM-IV, *Critérios diagnósticos do DSM-IV* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1995).

⁸G. Leavey; M. King, “The devil is in the detail: partnerships between Psychiatry and faith-based organizations”, *British Journal of Psychiatry*, 2007, 19(10): 97-8.

⁹G. Amorth, *Exorcistas e psiquiatras*, tradução de José J. C. Serra (São Paulo: Paulus, 2004).

¹⁰R. B. Alison, “If in doubt, cast it out? The evolution of a belief system regarding possession and exorcism”, *Journal of Psychology & Christianity*, 2000, 19(2): 109-21

¹¹K. L. van Walsum, “*Nos malades*: three examples of Christian influences in the care for the insane in pre-revolutionary France and Belgium”, *Journal of Psychology & Christianity*, 2004, 23(3): 219-33.

Superando a tristeza e a depressão com a fé

Richard Baxter

PERGUNTA: Quais são as melhores precauções contra a melancolia e a tristeza excessiva?

Assim, pelo contrário, deveis perdoá-lo e consolá-lo, para que não seja consumido por tristeza excessiva (2Co 2.7).

A brevidade do sermão não me concede tempo para nenhum trabalho desnecessário, de modo que não me delongarei em esclarecer o contexto nem inquirirei se a pessoa mencionada no texto acima é a mesma condenada por incesto em 1Coríntios 5 ou outra ainda; nem se Crisóstomo, que era doutor da igreja, tinha uma boa tradição a esse respeito ou se essa tradição surgiu após o seu pecado. Também não inquirirei se o falecido expositor (dr. Hammond) tinha razão ao concluir que se tratava de um dos bispos da Acaia e deveria ter sido excomungado por um sínodo de bispos — defendendo ainda a ideia de que cada congregação tinha um bispo e que o tal deveria ter sido excomungado na congregação, que o povo não deveria seguir ou aprovar um líder desse tipo; e que não teria havido divisão ou separação pecaminosa ao abandoná-lo.

Minha intenção agora é esclarecer a última parte do versículo, que revela o motivo pelo qual o pecador censurado, por ser penitente, deve ser perdoado e consolado, ou seja, para que não seja consumido pela tristeza excessiva, mostrando assim que esta última parte do versículo compreende três doutrinas, que tratarei a seguir:

1. a tristeza, mesmo que seja por um pecado, pode ser excessiva;
2. a tristeza excessiva consome a pessoa;
3. portanto, deve ser resistida e diminuída pelo consolo necessário, tanto por parte de outros quanto por nós mesmos.

Ao abordar essas questões, obedecerei à seguinte ordem:

- quando a tristeza é excessiva;
- como a tristeza excessiva consome o homem;
- quais são as causas da tristeza;
- qual é a cura da tristeza.

Quando a tristeza é excessiva

É notório que a tristeza excessiva pelo pecado não é algo comum no mundo. Uma disposição tola e estúpida é a causa co-mum da perdição humana. O flagelo de um coração duro e uma consciência cauterizada impossibilita à maioria dos homens desenvolver a percepção do pecado, ou do perigo, ou da miséria e de todas as grandes e eternas preocupações da alma culpada.

A maioria da humanidade vive um sono mortal no pecado que realmente lhe impede de usar os sentidos e o entendimento. Os homens celebram atos religiosos como em um sonho; no batismo, fazem votos a Deus perante outros e professam neles permanecer; vão à igreja, professam as palavras do credo, oram o Pai-Nosso e afirmam os mandamentos; recebem a ceia do Senhor, e tudo isso como em um sonho! Esses atos os levam a crer que o pecado é a coisa que Deus mais odeia e a coisa mais perniciosa para o homem, mas, apesar disso, vivem nele com prazer e obstinação; sonham que se arrependem dos pecados, quando nenhum tipo de persuasão os leva à renúncia do pecado, e, enquanto odeiam o que os curaria, não serão tão maus e insanos quanto aqueles que sentiram em si mesmos alguma tristeza efetiva: pelo que é passado, ou pela noção verdadeira da sua maldade presente, ou por decisão sincera por uma vida nova e santa. Sonham que haverá um julgamento, um céu e um inferno, entretanto não seriam afetados por coisas de consequências indizíveis se estivessem conscientes? Não estariam eles completamente tomados pelas questões da carne e do mundo, e não temeriam um pensamento sério ou uma palavra da eternidade, se estivessem conscientes?

De modo insensato e inconsciente, pensam, falam e conduzem à grande obra da redenção do homem por Cristo; tratam da mesma

forma a necessidade de justificação e graça santificadora, as alegrias e misérias da vida vindoura, e ainda dizem crer nelas! Quando pregamos ou falamos a eles sobre essas grandes coisas, com muitas, provas, franqueza e todo zelo que temos, falamos a mortos ou a homens adormecidos. Eles têm ouvidos, mas não ouvem; nada lhes penetra o coração.

Seria de esperar que um homem que leia as Escrituras e creia na glória eterna oferecida, na ameaça do castigo terrível, na necessidade da santidade para a salvação e de um Salvador que nos liberte do pecado e do inferno, e que tenha certeza de que a nossa passagem para o mundo invisível está próxima, tivesse muito mais pressa em refrear-se e admitir a percepção dessas verdades esmagadoras. Entretanto, a maioria dos homens pouco se importa com isso os homens acham que não têm tempo nem disposição para essas preocupações e ouvem falar sobre elas como se ouvissem sobre uma terra longínqua que não pretendem jamais visitar. Sim, poder-se-ia pensar, em razão da sua insensata negligência quanto à preparação e por causa de sua mente e vida mundana, que estejam adormecidos ou de pilhéria, quando admitem que vão morrer; ou, quando sepultam seus amigos e veem crânio e ossos depois tirados da terra, que estivessem sonhando todo esse tempo ou não acreditassem que sua hora está próxima.

Como seria possível despertar pecadores, fazê-los voltar a si e ter outro conceito dessas grandes coisas, mostrando-lhes rapidamente outro tipo de vida? Uma mente desperta jamais seria enganada e entorpecida da maneira que vemos acontecer no mundo ímpio. Entretanto, Deus tem um dia de despertamento para todos, e fará a alma mais insensata sentir, pela graça ou pelo castigo.

Assim, como o coração endurecido é parte inseparável da doença e da infelicidade do não regenerado, enquanto o coração sensível e maleável pertence muito mais à nova natureza prometida por Cristo,

muitas almas despertadas sob a obra da conversão pensam que nunca poderão acumular tristeza suficiente e que o perigo está em um coração endurecido. Desse modo, nunca temem a tristeza excessiva, até que um dia são tragadas por ela. Sim, embora haja inúmeras outras causas, se uma delas for o pecado, essas pessoas abraçam a tristeza como um dever necessário ou pelo menos não percebem o perigo do excesso. Alguns ainda pensam que os melhores cristãos são aqueles que têm mais dúvidas e temores e tristezas e de cuja boca não sai praticamente nada além de reclamações incômodas; mas esse é um grande erro.

1. A tristeza é excessiva quando é alimentada por um motivo errado. Tudo é demasiado quando é indevido, e uma grande tristeza é excessiva quando o motivo está aquém dela.

Se um homem julgar algo erroneamente como obrigação e se entristecer por não compri-la, essa tristeza é excessiva porque é imprópria e causada por um equívoco. Conheci muitas pessoas envolvidas em sérios problemas por não conseguirem dedicar tempo ou consagração à meditação, por não terem nem habilidade, nem tempo; e outros por não terem tido uma palavra de sabedoria e de instrução adequada quanto ao pecado do próximo, e em vez disso o repreenderam. Muitos outros estão com problemas porque, em seus negócios e carreira profissional, pensam em tudo menos em Deus, como se nossos negócios do mundo visível não tivessem nenhuma relação com as ideias.

A superstição sempre desenvolve tristezas, quando os homens se tornam escravos de deveres religiosos que Deus nunca ordenou, e depois não conseguem cumprir esses deveres. Muitas almas ignorantes são assaltadas por pessoas falsas que dizem que estão no caminho errado e precisam adotar algum erro como verdade necessária, para depois serem lançadas em dificuldades desconcertantes e talvez se arrependerem de

ter abandonado a verdade que antes detinham. Muitos cristãos fiéis têm problemas quanto à refeição que tomam, à roupa que vestem, aos pensamentos e às palavras, pensando e temendo que tudo que é lícito seja pecaminoso e que as enfermidades inevitáveis são pecados abomináveis. Tudo isso são problemas e tristezas sem causa; portanto, excessivos.

2. A tristeza é excessiva quando fere e oprime a natureza em si, quando destrói a saúde do corpo e o entendimento. A graça é a qualificação própria da natureza, e o dever é o emprego correto dela, mas nem a graça nem o dever devem destruí-la. Da mesma forma que os governos doméstico, eclesiástico e civil são para edificação e não para destruição, assim é também o *governo pessoal*. Deus deseja misericórdia, e não sacrifício; e aquele que não quer que matemos ou firamos o próximo por causa da religião do mesmo modo não deseja que nos destruamos ou machuquemos, pois devemos amar o próximo como a nós mesmos. Da mesma forma que o jejum só é um dever à medida que vise a alguma boa obra, como expressar ou exercitar verdadeira humilhação ou mortificar alguma lascívia carnal etc., o mesmo ocorre com a tristeza pelo pecado: essa tristeza é excessiva quando faz mais mal que bem. Mas esse é o nosso próximo assunto.

Como a tristeza excessiva consome o homem

Quando a tristeza consome o pecador, torna-se excessiva e deve ser refreada. Por exemplo:

1. Os penosos sentimentos da tristeza e da aflição muitas vezes destroem a sobriedade e o uso sensato da razão, de modo que a capacidade de julgamento de um homem fica corrompida e pervertida. Portanto, nessas circunstâncias, não há confiabilidade. Assim como um homem em uma situação de raiva, alguém em situação de pavor ou em grande confusão mental não pensa nas coisas como realmente são, mas como são representadas por seus fortes sentimentos. Seja sobre Deus e religião sobre a própria alma, os atos de alguém, os amigos e inimigos — seu juízo é pervertido e normalmente equivocado; como um olho inflamado, vê tudo distorcido. Quando a tristeza corrompe a razão, há excesso.

2. A tristeza excessiva incapacita o homem a governar seus pensamentos; e pensamentos desgovernados são, ao mesmo tempo, pecaminosos e muito desagradáveis: a tristeza os transforma em uma torrente. Tanto quanto é possível durante uma tempestade, manter as folhas de uma árvore tranquilas e em ordem, da mesma forma são os pensamentos de um homem envolvidos em paixões preocupantes. Se ao menos a razão o afastasse dos assuntos confusos ou o transformasse em algo melhor ou mais doce — entretanto, ela não consegue fazê-lo. Ela não tem poder contra o fluxo dos sentimentos preocupantes.

3. A tristeza excessiva consome a fé e atrapalha grandemente o seu exercício. São indizíveis as alegrias para as quais fomos chamados a crer

por intermédio do evangelho: e é extraordinariamente difícil uma alma problemática e triste crer em qualquer coisa que seja motivo de alegria, principal-mente nos temas de tão grande alegria como perdão e salvação. Embora não se atreva a dizer que Deus criou a mentira, dificilmente crerá em suas promessas plenas e livres, e nas expressões da sua boa vontade em receber todos os pecadores arrependidos e penitentes. A paixão serve ao sentimento de modo contrário à graça e às promessas do evangelho, e esse sentimento impede a fé.

4. A tristeza excessiva atrapalha ainda mais a esperança. Há homens que julgam crer verdadeiramente na palavra de Deus e de fato acreditam que todas as promessas divinas são verdadeiras *para os outros*, mas não são capazes de contar com as bênçãos prometidas para si mesmos. A esperança é a qualidade da graça pela qual uma alma crê que o evangelho é verdadeiro e confortavelmente espera que os benefícios prometidos sirvam para seu bem; é uma atitude adequada. O primeiro ato de fé diz que o evangelho é verdade, o qual promete glória e graça por intermédio de Cristo. O ato seguinte de fé diz: confiarei minha alma a isso e descansarei, tomarei Cristo por meu Salvador e Ajudador; e então a esperança diz: espero por essa salvação por meio dele. Entretanto, a melancolia, a tristeza opressiva e os problemas são contrários a essa esperança como é a água em relação ao fogo ou o frio em relação ao calor. Seu pulso e fôlego é o deses-pero. Tais pessoas gostariam de ter esperança, mas não conseguem. Todos os seus pensamentos são cheios de desconfiança e apreensão, nada veem além de perigo, aflição e desamparo. E quando a esperança — que é a âncora da alma — se vai, não admira que os homens sejam assolados continuamente pelas tempestades.

5. A tristeza excessiva sufoca todo o senso confortador da bondade infinita e do amor divino e por meio disso impede que a alma ame a Deus; por isso, também, é um adversário para uma vida de santidade. É extremamente difícil uma alma atribulada compreender toda a bondade divina, mas é muito mais difícil julgar que Deus seja bom e amável para com ela. No entanto, do mesmo modo que um homem, queimado pelo calor violento do sol nos desertos da Líbia e condenado a morrer na aridez e da debilidade pode afirmar que o sol é a vida da terra e uma bênção para a humanidade, sendo, ao mesmo tempo aflição e morte para ele mesmo, essas almas oprimidas pela tristeza podem dizer que Deus é bom para os outros, parecendo para elas um inimigo que busca sua destruição. Eles pensam que Deus os odeia e os abandonou; e como poderiam amar um Deus que julgam odiá-los, que decidiu amaldiçoá-los e condená-los desde a eternidade e trazê-los ao mundo sem nenhuma outra finalidade? Dificilmente conseguindo amar um inimigo que os difama, oprime e censura, terão ainda maior dificuldade em amar um Deus que acreditam tê-los amaldiçoado e designado irreparavelmente para isso.

6. Portanto, observa-se que esse desequilíbrio é um julgamento falso e injurioso de toda a palavra e obra de Deus e de toda a sua misericórdia e correção. Sempre que uma dessas pessoas lê ou ouve a pregação, pensa que tudo está contra ela: toda palavra amarga e toda ameaça contidas na Escritura lhes é dirigida como se lhes fossem endereçadas. Entretanto, não acredita ter parte nas promessas e consolos, como se seu nome tivesse sido omitido. Todas as misericórdias de Deus são atenuadas, consideradas como não misericórdias — como se Deus as tivesse planejado a fim de tornar maior o seu pecado e aumentar seu pesado ajuste de contas e sua condenação. Essa pessoa crê que Deus age assim, misturando açúcar

com o veneno que é dado a ela — com todo o ódio —, não em amor, com o objetivo de afundá-la no mais profundo do inferno. E, se Deus a corrige, ela supõe que esse seja o início da aflição e que Deus está trazendo a tormenta antes da hora.

7. Por meio disso, é possível ver que esse desequilíbrio é inimigo da gratidão. Prefere censurar Deus por suas misericórdias — como se fossem injúrias — a oferecer agradecimento sincero.

8. Por meio disso é possível ver também que ele é totalmente contrário à alegria que existe no Espírito Santo, sim, e na paz em que consiste o reino de Deus; nada se assemelha a tais almas aflitas. O prazer em Deus, nas suas palavras e nos seus caminhos é a flor e a vida da verdadeira religião. Entretanto, eu falo a respeito desses que não conseguem sentir prazer em nada; nem em Deus, nem em suas palavras, nem em qualquer obediência. Agem como um homem enfermo que come por absoluta necessidade, com aversão e repulsa.

9. Tudo isso mostra que essa enfermidade é totalmente contrária ao curso eficaz do evangelho. Cristo veio como libertador dos cativos, um Salvador para nos reconciliar com Deus e trazer proteção prazerosa de perdão e de alegria eterna. Em todos os lugares, o evangelho foi recebido com grande alegria, proclamado pelos anjos e pelos homens. No entanto, tudo aquilo que Cristo fez, comprou, ofereceu e prometeu parece não ser nada além de dúvida e tristeza.

10. Sim, esse é um desequilíbrio que beneficia grandemente Satanás com o objetivo de dar características profanas aos pensamentos de Deus, como se ele (Deus) fosse mau — um ser que odeia e um destruidor mesmo das coisas das quais se agrada. O projeto do

Demônio é descrever Deus como ele — o Demônio — é: maligno e que tem prazer na dor. E, se todos os homens odeiam o Demônio por sua perniciosidade, acaso este não os levaria a odiar Deus e blasfemar contra ele se pudesse fazê-los acreditar que Deus é ainda mais pernicioso? A adoração a Deus, representado por uma imagem, é odiosa a ele, pois o torna semelhante à criatura por ela representada. Blasfêmia maior é falsificá-lo à semelhança de demônios perversos! Formular pensamentos reducionistas que diminuem sua bondade bem como sua grandeza é um pecado que ofende Deus grandemente. É como imaginar que ele não seja melhor ou mais confiável que um pai ou amigo — e, pior ainda, é pensar a seu respeito do modo que imaginam essas almas desequilibradas. Você estaria ofendendo seus pastores se os descrevesse como Cristo descreve os falsos profetas, como espinheiros, abrolhos e lobos. E não será ainda mais grave pensar piores coisas a respeito de Deus?

11. Essa tristeza excessiva desqualifica os homens para qualquer meditação proveitosa; confunde seus pensamentos e os leva a distrações e a tentações perniciosas e, quanto mais eles meditam, mais são oprimidos. Essa tristeza transforma a oração em mera queixa, em vez de ela ser as súplicas de um filho crente. Isso praticamente faz que a alma fique indisposta para receber o alimento divino e, especialmente, a comunhão sagrada e consoladora. Traz maior terror ainda, para que não experimente indignamente sua vontade, mas acelere e aumente sua condenação. Tal tristeza torna muitas vezes inúteis a pregação e o conselho: diga o que quiser, mas nunca será convincente o bastante; nada mudará; em breve tudo estará perdido.

12. É uma perturbação que torna todos os sofrimentos mais pesados. É como encarar uma pobre alma enferma e não encontrar conforto para

ela; é fazer que a morte se torne excessivamente terrível, por considerá-la a porta do inferno; assim, para eles, a vida se mostra penosa e a morte, terrível; estão cansados de viver e com medo de morrer. Consequentemente, essa tristeza excessiva os engole.

As causas da tristeza

PERGUNTA: Quais são as causas e a cura da tristeza?

Resposta: As principais causas são o desequilíbrio, a fra-queza e a enfermidade do corpo. Por causa disso, a alma fica grandemente impossibilitada de absorver qualquer sentimento de conforto. Mas, quanto mais a necessidade natural é demandada, menos pecado e perigo rondam a alma, porém nunca será menos difícil; pelo contrário, torna-se mais problemático.

Três causas da tristeza

Três enfermidades causam a tristeza excessiva:

1. Aquelas que impõem dor tão violenta, que a resistência natural é incapaz de tolerar. Como esse sofrimento geralmente não dura muito tempo, não discorreremos especialmente a esse respeito neste momento.

2. Uma natureza passional combinada com uma fraqueza da razão que poderia controlar tal natureza. Esse caso é bastante frequente em pessoas idosas, debilitadas demais para reagir, e em crianças que, quando machucadas, não têm outra opção senão chorar. Esse estado é, além disso, muito difícil e doloroso para muitas mulheres (e alguns homens) com propensão para o tormento com dificuldade para estar tranquilas, com pouco autocontrole. Mesmo muitos que temem a Deus, com profundo entendimento e compreensão, praticamente não têm mais

poder contra as paixões problemáticas, ira, tristeza e especialmente o medo. Desse modo, sofrem como qualquer outra pessoa.

Sua condição natural é um forte distúrbio composto de confusão, tristeza, medo e insatisfação. Os que não são propensos à tristeza apresentam, contudo, um temperamento tão infantil, doentio e impaciente, que há sempre uma ou outra coisa que ainda os entristece, aflige ou assusta. São como uma folha trêmula que balança com o menor movimento do ar. Nem o homem mais sábio e paciente poderia agradar e reabilitar tal pessoa. Uma palavra ou um olhar os ofende; qualquer história triste, notícia ou barulho os aflige; e, como crianças, não param de chorar até ter tudo o que desejam. Assim acontece com muitos. Os que os cercam, penam; porém, eles mesmos sofrem mais. Morar com um doente na casa do luto é menos desconfortável. Mas, enquanto a razão não for destruída, a causa ainda não estará totalmente perdida nem será completamente desculpável.

3. Mas, quando a mente e a imaginação estão enfraquecidas, e a razão parcialmente destruída pela enfermidade chamada depressão, a cura se torna ainda mais difícil, pois comumente é dito que pessoas com tendência ao descontentamento, à tristeza, à timidez e às paixões são as que caem em debilidade e depressão; e a conjunção dos dois desequilíbrios naturais e da doença aumenta a aflição.

Sinais da depressão

Em outros textos, descrevi os sinais dessa doença da depressão, a saber:

1. A perturbação e a inquietação da mente se transformam em hábito estabelecido; a pessoa não consegue ver nada além do medo e dos problemas. Tudo o que ouve ou faz alimenta esse hábito. O perigo está

diante dos seus olhos; tudo o que lê e ouve é contra ela; não tem prazer em nada; sonhos assustadores atormentam seu sono, e pensamentos confusos as mantêm acordadas por muito tempo. Fica ofendida por ver o sorriso dos outros ou por vê-los felizes; pensa que qualquer mendigo é mais feliz que ela; não tem prazer em relacionamentos, amigos ou em qualquer outra coisa; não consegue acreditar que alguém mais esteja passando pela mesma situação — quando, na realidade, numa mesma semana ou num mesmo dia, eu atendo duas ou três pessoas em situações tão parecidas que qualquer um pensaria que as histórias se referem à mesma pessoa. Essas pessoas acham que Deus se esqueceu deles e que o dia da graça faz parte do passado e não há mais esperança. Dizem não conseguir orar, mas resmungam, gemem, e Deus não as ouve; não creem na sinceridade e na graça; dizem-se incapazes de arrependimento, não conseguem crer, e seu coração está completamente endurecido. Normalmente, temem ter cometido o pecado sem perdão contra o Espírito Santo.¹ Resumindo: medos, problemas e quase desespero são o constante estado de sua mente.

2. Se você as convencer de que mostram evidências de sinceridade, de que seus temores são infundados, de que ferem a si mesmas e até Deus, nada terão a dizer contra isso — mas tal afirmação não resolverá nenhum dos seus problemas ou então esse estado retornará no dia seguinte, porque a causa permanece em seu corpo doente; acalme-os uma centena de vezes, e seus medos retornarão outras cem vezes.

3. Sua infelicidade consiste no fato de que não conseguem deixar de pensar da maneira que pensam. É mais fácil persuadir um homem a não tremer quando está com febre ou a não sentir nada quando alguma coisa lhe provoca dor do que convencer essas pessoas a se livrar dos pensamentos que as atormentam interiormente ou a não ter as ideias

perturbadoras que têm. Elas não conseguem tirá-los da cabeça, dia e noite. Diga-lhes que devem desistir das longas reflexões perturbadoras, mas não conseguem. Diga-lhes que devem banir os falsos conceitos da mente, mas não conseguem. Seus pensamentos, problemas e medos estão fora de controle — e, pior, estão controladas pela melancolia e pela depressão em que estão envolvidos.

4. Depois disso, normalmente parecem sentir que há alguma coisa fora delas mesmas, por assim dizer, falando em seu interior, dizendo-lhes isso e aquilo, mandando fazer isso ou aquilo. E dirão quando e o que lhes foi dito, com dificuldade em aceitar que tudo isso seja apenas uma doença da própria imaginação.

5. Nesse caso, estão propensas a pensar que têm revelações; e o que quer que venha à mente consideram revelação. Costumam dizer: esse texto das Escrituras veio à minha mente em tal momento, e aquele texto em outro momento veio à minha mente; mas sua interpretação é incorreta ou fazem uma aplicação equivocada e talvez tirem conclusões contraditórias de vários textos, como se uma conclusão transmitisse esperança e outra não.

Algumas dessas pessoas, por isso, são propensas a profetizar e realmente acreditam que Deus lhes revelou isto ou aquilo. Depois veem que nada daquilo aconteceu, e então são envergonhadas.

Assim, muitos se tornam hereges e cometem erros religiosos, crendo que Deus concorda com isso, e estabelecem essas coisas em sua mente. Alguns que por muito tempo estiveram perturbados, tornam-se tranquilos e alegres por causa da mudança no modo de pensar, considerando que agora estão no caminho divino, do qual estavam desviados, e, por essa razão, não encontravam conforto. Conheci várias pessoas assim, que encontraram conforto em ideias erradas: algumas se

tornaram papistas e supersticiosas; outras se afastaram grandemente dos papistas e algumas encontraram consolo tornando-se anabatistas, algumas antinomistas, outras, ao contrário chamadas arminianas, outras perfeccionistas, outras quacres; e algumas abandonaram o cristianismo para adotar a infidelidade e assim negaram a vida no porvir, adotando conduta de impureza e licenciosidade.² Mas, com isso, esses hereges e apóstatas melancólicos geralmente conseguem afastar a tristeza, e meu objetivo no momento não é tratar desse caso.

6. Entretanto, os tipos mais tristes são aqueles que, ao ouvirem essas vozes e sentirem essa perturbação interior, têm a certeza de estar possuídos pelo demônio, ou no mínimo enfeitiçados por ele, e sobre isso comentarei em hora oportuna.

7. A maioria deles é violentamente assombrada por ideias blasfemas, às quais temem, e não conseguem impedir que entrem em sua mente; ou são tentados e assombrados para que duvidem das Escrituras ou da vida no porvir; ou tiram conclusões absurdas a respeito de Deus. Às vezes, como se houvesse algo dentro deles que os levasse a isso, sentem-se impelidos a blasfemar contra Deus ou a renunciar a ele. Temem diante dessa sugestão, mas ela os persegue. Algumas pobres almas se rendem a isso e blasfemam contra Deus. Então, assim que as palavras são ditas, alguma coisa dentro deles diz imediatamente: “Agora, tua condenação está selada, pois pecaste contra o Espírito Santo, e não há mais esperança”.

8. Após algum tempo, são tentadas a impor a si mesmas alguma regra de conduta pessoal: não falar ou jamais comer. Algumas ficam tão famintas, que chegam à morte.

9. Após algum tempo, pensam ter visões. Dizem que essa ou aquela imagem lhes apareceu; especialmente luzes à noite, na cama. E, às vezes, estão convictas de que ouvem vozes e sentem algo que as toca ou fere.

10. Fogem da companhia das pessoas e nada podem fazer além de se sentarem sozinhas para refletir.

11. Perdem todos os negócios e não conseguem nenhum trabalho regular em sua atividade profissional.

12. E, quando esse estado alcança níveis extremos, ficam cansadas de viver, e são tentadas a cometer suicídio, como se alguma coisa em seu interior as estivesse induzindo a se afogar ou cortar a própria garganta, ou se enforcar, ou se jogar de um precipício. Que tragédia! Muitos já fizeram isso!

13. Se escapam disso, quando esse estado atinge seu ápice, ficam muito perturbadas.

Esses são os sintomas dolorosos e os efeitos da depressão. Portanto, é desejável prevenir ou curar esse mal no início, antes que o doente atinja esse estado tão triste!

Neste ponto, preciso responder à dúvida sobre tais pessoas estarem possuídas ou não pelo demônio. E se tudo que foi supracitado vem dele. Em primeiro lugar, devemos saber qual é o significado de possessão satânica, seja do corpo, seja da alma. Não é meramente sua presença local e permanente em um homem que qualifica sua possessão, pois conhecemos muito pouco a respeito do assunto, até que ponto ele está mais presente em um homem mau do que em um homem bom, mas, sim, seu poder em exercício no homem por meio da operação efetiva e

declarada. Assim como o Espírito de Deus atua sobre as piores pessoas e realiza muitas obras santas que atingem as almas impenitentes, mas estabeleceu uma força poderosa na alma dos crentes e determinou a sua habitação e posse, pelo hábito da santidade e do amor, Satanás realiza obras frequentes sobre os fiéis, mas só possui a alma do descrente por meio dos hábitos de descrença e sensualidade.

Deus também permite que Satanás imponha opressão, sofrimento e doenças sobre o justo. Porém, quando Satanás é o algoz designado por Deus para a aplicação de pragas extraordinárias, especialmente na cabeça, privando os homens de razão e entendimento, operando acima da mera enfermidade, isso é chamado de possessão demoníaca.

Assim como a maioria das ideias malignas que brotam na alma tem Satanás como pai e o nosso coração como mãe, a maioria das doenças do corpo tem origem em Satanás, com a permissão de Deus, embora existam algumas doenças cuja causa está no próprio corpo.

Quando suas ações são aquelas que chamamos de possessão, ele pode operar por meios e tendências do corpo, e às vezes trabalha bem acima do poder da enfermidade em si, como quando pessoas incultas falam línguas estranhas e quando pessoas enfeitiçadas vomitam ferro, vidro etc. E, às vezes, ele faz o trabalho usando apenas a doença em si, como no caso da epilepsia, loucura etc.

Causas demoníacas da depressão

Observando tudo que vimos até agora, é fácil concluir:

1. A possessão do corpo por Satanás não é um sinal incontestável do estado de ausência de graça, nem condena a alma, caso a alma em si não seja possuída. De fato, alguns filhos de Deus às vezes são afligidos por Satanás, que atua como o algoz de Deus para corrigi-los e algumas

vezes para julgá-los, como no caso de Jó. Não importa o que digam em contrário, provavelmente é como o espinho na carne, que foi mensageiro de Satanás para a desgraça de Paulo. Era como se fosse uma pedra no sapato não removida — e ele, depois de orar três vezes, recebeu apenas a promessa de que a graça lhe seria suficiente.

2. A possessão de Satanás em uma alma descrente é um caso tristíssimo, milhares de vezes pior do que a possessão do seu corpo. Mas nem toda corrupção ou pecado é possessão, pois nenhum homem é perfeito, sem pecado.

3. Nenhum pecado prova a condenável possessão de Satanás em um homem mais claramente do que aquele que ele ama mais do que odeia, e prefere mantê-lo em vez de deixá-lo propositadamente.

4. Este é um assunto de grande conforto para essas almas sinceras e melancólicas, se tão somente tiverem entendimento para recebê-lo, tendo consciência de que, dentre todos os homens, não há nenhum que ame os pecados que lamenta tão pouco quanto elas — sim, é o fardo pesado de sua alma. Você ama suas descrenças, seus medos, seus pensamentos confusos, suas tentações que o levam a blasfemar? Você já tentou mantê-los em vez de se livrar deles? O homem orgulhoso, o ambicioso, o fornicador, o ébrio, o jogador, o valente que perde tempo, que fica sentado horas à mesa de cartas jogando e perde horas à toa batendo papo, o glutão que tem prazer no apetite, todos esses amam seus pecados e não os deixariam; são como Esaú, que vendeu seu direito de primogenitura por uma migalha. Eles arriscarão perder Deus, Cristo, a alma, o céu a deixar o seu pecado sujo. Mas é esse o seu caso? Você ama sua triste condição? Está cansado dela, sobrecarregado de modo a clamar alívio a Cristo (Mt 11.28,29)?

5. A estratégia do demônio, se ele puder aplicá-la, é assombrar com tentações condenatórias as pessoas que não consegue vencer com a sua sedução. E, ainda que ele aumente as tormentas de opressão contra eles, escapam. Porém, mesmo assim, continua atormentando conforme Deus permite.

Admitimos que Satanás tenha uma grande participação no caso de pessoas melancólicas e normalmente é uma das causas da enfermidade do corpo.

- a. Suas tentações causaram o pecado do qual Deus as purifica.
- b. Sua execução em geral é a causa da enfermidade do corpo.
- c. Como tentador, ele é a causa dos pensamentos pecaminosos e perturbadores, das dúvidas, dos medos, das paixões causadas pela melancolia. O demônio não pode fazer o que deseja conosco, mas nós é que lhe damos predominância para agir. Ele não pode arrombar nossas portas, mas pode entrar se deixarmos as portas abertas. Ele, facilmente, pode tentar um corpo pesado e fleumático à indolência; uma pessoa colérica e fraca, à ira; um homem forte e sanguíneo, à luxúria; uma pessoa que tem muito apetite, à glotonaria ou à bebedice. Também a juventude alegre e vã com brincadeiras fúteis, a fim de que se vicie em jogos por dinheiro e à volúpia, quando para outros essas tentações lhes pareceriam bem pequenas. E assim, se Satanás o lançar à melancolia, ele, facilmente, conseguirá tentá-lo à tristeza excessiva e ao medo, e perturbá-lo com dúvidas e pensamentos, e levá-lo a murmurar contra Deus, desesperar-se, fazer que pense que está perdido, perdido mesmo, e até mesmo o levará a pensamentos de blasfêmia contra Deus ou, se não for por esse caminho, o levará a abraçar conceitos fanáticos de revelação e de espírito profetizador.

6. Mas, acrescento eu, de tal modo Deus não imputará a você as tentações de Satanás, mas a si próprio, mesmo que não sejam tão ruins assim, desde que você não as receba com prazer, mas que as deteste; nem o condenará por aqueles efeitos da doença do corpo que são inevitáveis. Mais ainda, não condenará um homem por pensamentos alucinados, ou palavras de delírio, loucura ou completa demência. Porém, uma vez que a razão ainda tenha poder e a vontade possa governar paixões, a culpa é sua se não usar o poder, embora a dificuldade diminua a culpa.

Outras causas comuns da melancolia

Normalmente, outras causas são anteriores à enfermidade da melancolia (exceto em algumas pessoas com essa tendência natural). Portanto, antes que eu fale a respeito da cura da melancolia, tocarei brevemente nessas causas.

1. Uma das mais comuns é a impaciência, o descontentamento, os cuidados, o amor pecaminoso contínuo por algum interesse carnal, a insubmissão à vontade de Deus, a fé insuficiente e o desejo de receber o céu apenas por satisfação.

Devo usar necessariamente todas essas palavras para mostrar a verdadeira natureza dessa complicada doença das almas. Os nomes mostram que ela é uma mistura de muitos pecados, os quais, em si, não são de pequena malignidade. E, se fossem a inclinação e tendência predominante do coração e da vida, seriam sinais de um estado de ausência da graça. Mas, enquanto odiados, não superam a graça; enquanto nossa porção celeste é mais estimada, eleita e buscada do que a prosperidade terrestre, a misericórdia de Deus, por intermédio de Cristo, perdoa e finalmente nos livra de tudo. Entretanto, ainda, é

conveniente que um pecador perdoado conheça a força do seu pecado, para que não o favoreça nem menospreze seu perdão.

Eu, portanto, distintamente destrincho em partes esse pecado que provoca em muitas pessoas essa triste melancolia.

Pressupõe-se que Deus prova seus servos nesta vida com múltiplas aflições, e Cristo quer que carreguemos a cruz e o sigamos em submissão paciente. Alguns são provados com doenças dolorosas, e outros, com erros dos inimigos; alguns, com a falta de carinho dos amigos, e outros, com rebeldia, provocando parentes e companheiros; outros, com calúnias; e ainda alguns, com perseguição; e muitos, com perdas, desapontamentos e pobreza.

- a. Aqui, a impaciência é o início da obra da doença peca-minosa. Nossa natureza é bastante inclinada aos interesses da carne e fraca demais para carregar cargas pesadas; e a tribulação atinge os carentes, e não os ricos e fartos, pois estes não a sentem e não têm compaixão, especialmente em dois casos: a) quando os homens têm família, esposa e filhos para zelar; b) quando estão em dívidas com outras pessoas — um fardo pesado demais para uma mente honesta. Os desonestos, porém, fazem pouco caso disso.
- b. Nesses dilemas e tribulações, os homens ficam excessivamente sensíveis e impacientes. Quando eles e suas famílias precisam de alimento, vestuário, calor e outras necessidades do corpo, e não sabem como suprir; quando o senhorio da casa, o açougueiro, o padeiro e outros credores estão cobrando suas dívidas, e não há como pagá-las, é difícil impedir que tudo isso atinja o coração. É difícil para quem é obediente e submisso a Deus suportar esse fardo, especialmente para as mulheres, cuja natureza é mais frágil e por demais sujeita ao sofrimento.
- c. Essa impaciência transforma-se em descontentamento estabelecido e em inquietude de espírito, que afeta o corpo em si e permanece

todo o tempo como um peso ou um problema contínuo no coração.

A impaciência e o descontentamento predispõem os pensamentos ao sofrimento, à dor e aos cuidados contínuos, afastando-os da causa do problema; mal conseguem pensar, e, mesmo que esses cuidados alimentem o coração, são para a mente e o corpo como uma febre ardente.

- d. A raiz ou causa secreta de tudo isso é a pior parte do pecado: amor em demasia ao corpo e a este mundo. Se nada fosse muitíssimo amado, nada teria poder de nos atormentar. Se o bem-estar físico e a saúde não fossem superestimados, a dor e a enfermidade seriam mais toleráveis; se os filhos e amigos não fossem superestimados, a morte deles não nos oprimiria com uma tristeza excessiva; se o corpo, a prosperidade e a riqueza do mundo não fossem muito amados, seria fácil suportar a má comida; o trabalho duro, a falta não apenas do supérfluo e das conveniências, mas até do que é necessário à saúde, sim, e do necessário à vida em si. Se Deus compreendesse dessa maneira, no mínimo evitaria desgostos, descontentamentos, cuidados, tristeza e problemas mentais.
- e. Há ainda mais pecado na raiz de tudo, ou seja, isso mostra que nossas vontades são egoístas demais, e não dominadas pela verdadeira submissão à vontade divina. Somos deuses de nós mesmos; fazemos as próprias escolhas, precisamos dar à nossa carne o que ela deseja. O que precisamos é de resignação verdadeira de nós mesmos e de todas as nossas preocupações, e não de viver como crianças, dependendo dele para o pão diário; devemos ser os zeladores da nossa provisão.
- f. Isso mostra que não estamos suficientemente humilhados pelo nosso pecado, ou mais, que deveríamos ser gratos por essa

condição vil em extremo, como sendo muito melhor do que aquela por nós merecida.

- g. Aparentemente, há muita desconfiança em Deus e descrença naqueles cuidados e problemas que causam descontentamento. Seria possível crer em Deus e confiarmos em nós mesmos? Ou confiarmos em Deus como confiamos em um fiel amigo, ou como um filho confia em um pai? Quão tranquila ficaria nossa mente quanto à sua sabedoria, autossuficiência e amor?
- h. Essa descrença tem um efeito pior do que o problema do mundanismo. Ela mostra que os homens não veem como suficiente a porção do amor de Deus e a glória celestial que recebem, a menos que tenham uma carência ou venham a ter a probabilidade de ter tal carência neste mundo. A menos que estejam livres da pobreza, das *cruzes*, das provocações, injúrias e dores, tudo o que Deus lhes prometeu aqui, ou na vida futura, até mesmo na glória eterna, não os satisfará. Enquanto Deus, Cristo e os céus não forem suficientes para tranquilizar a mente desse homem, ele estará em grande necessidade de fé, esperança e amor — assuntos muito maiores do que alimento e vestuário.

2. Outra grande causa do problema da mente é a culpa por causa de um pecado grande e proposital; quando a consciência está convencida, mas ainda a alma não está convertida, o pecado é amado; quando a ira divina aterroriza os homens, mas ainda não é suficiente para vencer o pecado. Alguns têm uma vida de engano e furto, muitos vivem na bebedice, em desejos secretos da carne ou em masturbação ou fornicção. E eles sabem que, quanto a essa matéria, a ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência. Mas ainda a fúria do apetite e da luxúria prevalece, e eles se desesperam e pecam. Mesmo que centelhas do inferno caiam em sua consciência, isso não transforma nem o coração nem a vida. Há alguma esperança a mais de recuperação para

esses do que para os pecadores descrentes ou pecadores de coração morto, que lidam com a imoralidade com avidez, como sendo sentimento passado, ficando cegos para defender seus pecados e advogar contra a santa obediência a Deus. A brutalidade não é tão ruim quanto o diabolismo e a malignidade. Entretanto, nenhuma das pessoas citadas no meu texto experimentou tristeza excessiva — não o suficiente —, porém essa tristeza não as impediu de pecar.

Contudo, ainda que Deus convertesse essas pessoas, os pecados nos quais agora vivem possivelmente poderiam no futuro mergulhar a vida delas em tal profundidade de tristeza, em uma retrospectiva, que poderiam tragá-las.

Quando homens verdadeiramente convertidos ainda brincam com o engodo e reabrem as feridas da sua consciência por meio da negligência, não é de admirar que suas tristezas e temores se renovem também. Os pecados horríveis endurecem a consciência de muitos e, da mesma maneira, os lançam à melancolia e ao delírio incurável.

Depressão e pecado entre os cristãos

Dentre as pessoas que temem a Deus, há ainda outra causa de melancolia e tristeza excessiva: a ignorância e as concepções erradas quanto a questões concernentes à paz. Nomearei algumas em particular.

1. Primeira: a ignorância do caminho predominante do evangelho ou da aliança da graça. Alguns libertinos chamados antinomianos³ mais perigosamente cometem esse erro, dizendo aos homens que Cristo se arrependeu e creu neles, e que, do mesmo modo que eles não questionam a justiça de Cristo, não devem questionar sua fé e arrependimento. Assim, muitos cristãos não compreendem que o evangelho é a boa-nova de alegria inexplicável para todos que o

aceitarem, e que Cristo e a vida são oferecidos livremente àqueles que o aceitarem, e que nenhum pecado, seja grande ou seja em grande número, é isento do perdão para a alma que sinceramente volta-se para Deus por meio da fé em Cristo. Aquele que livremente tomar da água da vida e todos que estiverem cansados e sedentos estão convidados a vir a ele para serem consolados e achar descanso.

Eles parecem não compreender as condições de perdão que, além de um verdadeiro consentimento ao perdão, é uma aliança que proporciona salvação.

2. Em segundo lugar, muitos deles estão errados a respeito da prática da tristeza por causa do pecado e a respeito da natureza da dureza do coração. Pensam que, se sua tristeza não for apaixonada a ponto de levá-los às lágrimas e grande o suficiente a ponto de afligi-los, não serão capazes de experimentar perdão, embora devessem conceder a todos a aliança do perdão. Não consideram que Deus não tem prazer em nossa tristeza, mas na humilhação do orgulho e naquele sentimento de humildade quanto ao pecado, ao perigo e à decadência da alma que pode nos levar a sentir necessidade de Cristo e de misericórdia, e conscientemente nos leva a nos tornarmos seus discípulos e a sermos salvos de acordo com seus termos de aliança. Seja a tristeza pouca, seja muita, se essa tristeza fizer o pecador sentir a necessidade de Cristo e de misericórdia, ele será salvo.

Quanto à duração da tristeza de Deus, muitos acham que a angústia do novo nascimento deve ser um estado longo e contínuo, visto que lemos nas Escrituras que, por meio dos pecadores penitentes, o evangelho foi recebido rapidamente com alegria, ou seja, o dom de Cristo, o perdão e vida eterna, humildade e aversão devem continuar e aumentar. Porém, nossas tristezas iniciais, quem sabe, devem ser consumidas por uma gratidão santa e alegria.

Nas Escrituras, a dureza do coração é considerada uma obstinação rebelde e enganosa, uma vez que não será transformada de pecado em obediência por qualquer mandamento de Deus ou ameaça divina, e é frequentemente chamada de obstinação, mas nunca é tomada pela mera ausência de lágrimas ou tristeza apaixonada em um homem que deseja obedecer: os rebeldes têm o coração endurecido. A tristeza, até mesmo pelo pecado, pode ser excessiva. Alguém apaixonado pode facilmente sofrer e chorar pelo pecado que não abandonará; mas obediência nunca é demais.

3. Muitos são subjugados pela própria ignorância, por não terem plena consciência da sinceridade que Deus lhes deu. Quanto mais fortes e melhores formos, mais fraca será a graça em nós, e ela não é percebida facilmente quando é fraca e pouca, pois age de modo fraco e inconstante, e não pode ser discernida por seus efeitos. A graça fraca está sempre associada à corrupção forte. Todo pecado no coração e na vida é contrário à graça e a obscurece. Normalmente, tais pessoas têm pouco conhecimento, são estrangeiras na própria casa, incapazes de examinar a si mesmas, observar seu coração e registrar seus atos. De que modo poderia uma pessoa, com todos esses impedimentos, conseguir cumprir qualquer promessa com sinceridade? Se, no muito afã, fizeram promessas, negligenciaram deveres, foram frios quanto a esse assunto, não resistiram à tentação ou foram inconstantes quanto a uma obediência completa, questionarão tudo novamente e estarão prontos para considerar tudo hipocrisia. Uma mente melancólica e triste sempre conclui o pior e mal pode ver qualquer coisa que seja boa e traga conforto.

4. Em tais casos, há poucos que conhecem a maneira de obter conforto de probabilidades tão pequenas, quando não têm certeza —

muito menos da oferta da graça e da salvação —, quando não podem negar, mas desejam aceitá-las. Caso ninguém pudesse receber conforto além daqueles que têm certeza da sinceridade e da salvação, o desespero consumiria a alma da maioria, até mesmo dos verdadeiros crentes.

5. A ignorância de uns aumenta o medo e a tristeza de outros. Pensam, ao ouvir nossa oração e ler nossos escritos, que somos melhores do que na realidade somos; assim, consideram a si mesmos ímpios por julgarem não possuir a mesma capacidade que supõem termos; ao passo que, se convivessem conosco, perceberiam nossas falhas; se nos conhecessem como conhecemos a nós mesmos ou tivessem acesso a todos os nossos pensamentos pecaminosos e tomassem conhecimento da disposição ao vício que temos escrita em nossa testa, seriam curados desse erro.

6. Mestres inexperientes causam tristezas e perplexidades a muitos. Alguns não conseguem indicar claramente o curso predominante da aliança da graça; alguns são estranhos ao Espírito, às consolações celestiais; e muitos não têm experiência de nenhuma santidade interior ou de qualquer renovação feita pelo Espírito Santo. Eles não conhecem o que vem a ser sinceridade, nem no que um santo difere de um pecador incrédulo. Da mesma forma que enganadores perversos praticam o mal e também o bem — embora pouco — para falsear, se não podem ser considerados os melhores, pelo menos evitarão ser considerados os piores. Assim, alguns homens inexperientes colocam a sinceridade em coisas que não são consideradas dever, como os papistas nas suas diversas invenções, superstições e muitas seitas nas suas opiniões doentias.

Alguns, ao descreverem o estado de graça sem experiência e sem consciência, acabam indicando quão longe um hipócrita pode chegar.

Desse modo, injustamente, desencorajam e confundem o cristão mais fraco, que não é capaz de perceber o equívoco nos livros e ensinamentos. Muitos mestres confortam os homens, se não em questão de salvação, ao menos em controvérsias influenciadas por seu passado, e pronunciam heresias e condenação contra coisas que eles mesmos não compreendem. Mesmo o mundo cristão — nestes 1.300 ou 1.200 anos — é dividido por disputas insanas dos mestres por causa de palavras que tomam em sentido diverso. Será que alguém já foi desviado dessa forma?

A cura da melancolia

Já lhes falei a respeito das causas das tristezas que levarão a desvios. Agora, falarei a respeito da cura — mas, ó Deus! Ela não acontece apenas por ser explicada; começarei pela origem da enfermidade. E lhes direi tanto o que deve o paciente fazer quanto o que deve ser feito por seus amigos e mestres.

1. Não olhe para a parte pecaminosa de seus problemas, acreditando que seja melhor ou pior do que na verdade é.

- a. Muitas pessoas, em seus sofrimentos e tristezas, consideram-se dignas de dó, ao mesmo tempo que dão pouca atenção ao pecado causador do problema ou ainda continuam a cometê-lo! Muitos amigos e pastores inexperientes apenas confortam os que incorrem nesse erro, quando uma série de repreensões e a revelação do seu pecado seriam a melhor terapia para conduzir à cura. Se fossem mais sensíveis em relação à quantidade de pecados existentes na sua estima exacerbada que dão ao mundo, na falta de confiança em Deus, em seus pensamentos injustos sobre Deus, pensamentos profanos e pobres quanto à bondade de Deus e pelo modo com que subestimam a glória celestial que os satisfaria no estado de mais profunda aflição, nos seus dias de impaciência, de cuidados, de descontentamentos e nas rejeições das misericórdias ou graças recebidas, isso poderia curar mais do que palavras de conforto. Quando dizem, como Jonas: “É justo que eu me ire”,⁴ pensam que todas as suas negações da graça, suas tristezas enlouquecedoras, sua ira contra o amor e a misericórdia de Deus são seus deveres. Então é tempo de fazê-los saber quão grandes pecadores eles são.

- b. Ainda, quando pensam tolamente que todos esses pecados são sinais de um estado de ausência de graça, que Deus tomará as tentações demoníacas por pecado, condenando-os por aquilo que odeiam, tomando sua melancolia doentia por crime, isso também precisa ser refutado e repreendido; eles não podem nutrir suas paixões e angústias por engano.

2. Falando pessoalmente, não dê espaço ao hábito da impaciência obstinada: embora isso seja amor carnal para com alguma coisa além de Deus e sua glória, que é pecado condenatório, ainda assim a impaciência não deve passar por inocência. Você não contou com os sofrimentos e propósitos da cruz logo que desistiu de si mesmo por Cristo? E acha tudo isso estranho? Antecipe-se a isso, faça que seu estudo diário o prepare para qualquer tribulação que Deus possa lhe trazer, e então ela não o surpreenderá nem o oprimirá. Prepare-se para a perda de filhos e amigos, para a perda de bens, para a pobreza e a escassez; prepare-se para a calúnia, as injúrias, os vícios, as enfermidades, as dores e a morte. É seu despreparo que faz que tais coisas lhe pareçam insuportáveis.

Lembre-se de que é o corpo vil que sofre, o corpo que você sempre soube que deveria sofrer a morte e podridão que termina em morte; e quem quer que seja o instrumento do seu sofrimento, é Deus quem prova por meio dele; e quando você achar que é o único insatisfeito com os homens, não será inocente do seu murmúrio contra Deus, ou mais, a sua mão dominante o persuadirá à paciência submissa.

Particularmente, essa experiência o tornará consciente de um estado de descontentamento mental. Seu estado não é muito melhor do que você merece? Esqueceu-se de quantos anos desfrutou da misericórdia imerecida? O descontentamento é uma resistência contínua à vontade divina que determina, e não necessariamente uma rebelião contra ela. Suas vontades levantam-se contra a vontade divina. Seria ateísmo

pensar que os sofrimentos não acontecem pela providência divina; tomar coragem para queixar-se contra Deus e continuar em tal lamento? A quem mais compete colocar você contra o mundo inteiro?

Quando sentir preocupação em suas opiniões, lembre-se que isso não é confiança em Deus. Considere isso seu dever e obedeça ao seu comando. Deixe com ele o que você vier a ter. Preocupações angustiantes aumentam as aflições. Proibir-lhe tais preocupações prometendo cuidar de você é sinal da grande misericórdia de Deus. Seu Salvador o tem repreendido ampla e gentilmente (Mt 6) e dito quão inútil e pecador você é, que seu Pai sabe do que você precisa e, se ele lhe nega algo, é por uma causa justa, e isso lhe é muito útil se for corrigi-lo. Se você se submeter a ele, e aceitar seu presente, ele lhe dará muito mais do que tirou de você, até mesmo Cristo e a vida eterna.

3. Seja mais diligente do que nunca a fim de vencer o amor excessivo ao mundo. Será um uso feliz de seus problemas se conseguir segui-los até a nascente e descobrir qual é a falta ou perda que você não é capaz de suportar e, conseqüentemente, o que ama em excesso. Deus é muito ciumento — principalmente quando ama — em relação a todo ídolo que é amado em demasia com aquele amor que é devido apenas a ele. E, se Deus nos afasta dos ídolos, tirando-os de nossas mãos e coração, é por ser muito misericordioso e justo. Não digo isso àqueles que são atribulados apenas pela necessidade de mais fé, santidade, comunhão com Deus e certeza da salvação. Esses problemas podem lhes proporcionar muito conforto se compreenderem corretamente a sua origem e o que significam. Portanto, como o problema intolerante sob as cruzes do mundo prova que o homem ama o mundo em demasia, então o problema intolerante, por necessidade de mais santidade e comunhão com Deus, mostra que assim são os amantes da santidade e de Deus. O amor vem antes do desejo e da tristeza. Aquilo que os

homens amam, têm prazer apenas se o possuem, e lamentam sua falta, e desejam obtê-lo. A vontade é o amor; e nenhum homem é aborrecido pela falta daquilo que não teria.

Entretanto, a causa mais comum da melancolia apaixonada é primeiramente o descontentamento e cuidado mundanos — seja a miséria ou a cruz, seja o medo, seja o sofrimento, seja a provocação de algum parente, seja a desgraça ou o desprezo que os levam a um descontentamento apaixonado e a uma vontade própria incapaz de suportar a negação de algo que gostariam de ter. Então, quando o descontentamento caluniar e adoecer a mente humana, tentações de alma sobrevirão a seguir; e aquilo que começara apenas como cruces do mundo, na realidade parece que tudo trata de religião, consciência ou meramente do pecado e da falta de graça.

Por que você, pacientemente, não transmite as palavras, os erros, as perdas, as marcas e tudo aquilo que lhe aconteceu? Por que torna tão grandes as transitoriedades deste corpo? Não seria por tê-las amado em excesso? Você sinceramente chamou-as de vaidade, comprometendo-se a deixá-las em favor da vontade de Deus? Deus o deixaria sozinho, caso cometesse tão grande pecado como o amor ao mundo, ou lhe daria qualquer um dos seus direitos relativo às suas criaturas? Se Deus não lhes ensinar o que amar, o que guardar para iluminar o futuro, não os curar de uma doença, como uma mente terrena e carnal, ele não os santificará nem os adequará aos céus. As almas não sobem aos céus como uma flecha lançada ao alto, contra a sua inclinação natural, mas como fogo, naturalmente, sobe, e a terra se move para baixo. Assim acontece quando os homens santos morrem — sua alma têm uma inclinação natural para cima; seu amor é sua inclinação. Amam a Deus, os céus, a santa companhia, seus amigos santos, as santas obras, o amor mútuo e os louvores alegres de Jeová. Esse espírito e amor são como uma natureza impetuosa que os carrega para o céu; e anjos não os

transportam para lá pela força, mas os conduzem como uma ponte ao seu casamento, por um caminho de amor.

Contudo, a alma dos homens perversos tem uma tendência carnal e mundana; eles não amam as obras e as companhias celestiais, e nada há neles que os conduza a Deus. Entretanto, amam a escória do mundo, os prazeres sensuais e cruéis, embora não possam desfrutá-los; e, como pobres homens, amam os ricos — vexados pela falta do que amar. Portanto, não é de admirar se almas perversas habitarem com demônios nas regiões mais profundas e fizerem aqui suas aparições quando Deus lhes permitir, mas almas santas não estão sujeitas a tal trajetória descendente. O amor é o equilíbrio e a primavera da vida, e é de acordo com ele que as almas são conduzidas. Para cima ou para baixo.

Isso está distante do amor carnal. Quanto tempo você ficará aqui? O que a terra e a carne farão por você? Até quando for útil à santidade e aos céus, Deus não o negará aos filhos submissos; mas amar em excesso é dissuadir Deus, e é uma enfermidade perigosa das almas e da estabilidade, o que as fazem descer dos céus. Não teria sido melhor ter renunciado tudo por Cristo e considerado como perda e esterco, como fez Paulo (Fp 3.8)? Não seria mais fácil suportar a falta dele? Quando viu alguém que vive infeliz, desanimado, melancólico, triste e preocupado por falta de esterco, de algo sem valor, de uma sombra ou de um sonho divertido? Se por um lado você não conhece o mundo, por outro lado Deus o fará conhecer por meio de um profundo pesar.

4. Se não estiver convencido de que Deus por si só, Cristo por si só, o céu por si só sejam suficientes para você, no que diz respeito à felicidade e ao completo contentamento, vá, estude melhor o caso e talvez fique convencido. Vá, aprenda melhor seu catecismo e os princípios da religião e então aprenderá a armazenar um tesouro no céu, e não na terra. Você saberá que é melhor estar com Cristo; que a morte, que

destrói toda a glória do mundo, e iguala o rico e o pobre, é a porta comum tanto para o céu quanto para o inferno. Então, a consciência não perguntará se você viveu com prazer ou em dores, em riquezas ou na pobreza, mas se viveu para Deus ou para a carne, para o céu ou para a terra, e qual era a preeminência na sua vida e no seu coração. Se houver vergonha no céu, você será envergonhado quando lá estiver, por ter murmurado e lamentado pela falta de alguma coisa que a carne tenha desejado na terra, e foi para lá angustiado porque seu corpo sofreu aqui. Estude mais para viver pela fé e esperança, de acordo com a glória invisível prometida com Cristo, e você pacientemente suportará qualquer sofrimento no caminho.

5. Considere o tamanho do pecado quando estabelecemos nossas vontades e nossos desejos em oposição à sabedoria, vontade e providência de Deus; e fazemos nossa vontade em vez da dele, sendo o deus de nós mesmos. Um coração secretamente murmurador não acusa Deus? Toda acusação tem algum nível de blasfêmia, pois o acusador supõe que algo em Deus merece repreensão. E, se você ousar não abrir a boca para acusá-lo, não permita que as queixas do seu coração o acusem; saiba quanto da religião e da santidade é necessário para produzir essa obstinação rebelde em total resignação e em conformidade com a vontade de Deus. Ainda que consiga descansar na vontade de Deus, nunca terá descanso.

6. Considere bem quão poderosa tarefa é confiar completamente em Deus e em nosso bendito Redentor, tanto com a alma quanto com o corpo e com tudo o que temos. Um infinito poder, sabedoria e bondade não são confiáveis? Não é ele um salvador — que desceu dos céus e se fez carne — para salvar pecadores por meio de caminhos incompreensíveis de amor que ternamente comprou para ser crido? Em

quem mais você confiará? Em você mesmo ou em seus amigos? Quem guardou toda a sua vida e fez tudo isso por você? Quem salvou todas as almas que agora estão no céu? O que é nossa cristandade além da nossa vida de fé?

Essa é a sua fé, que o distrai com preocupações e problemas se Deus não adequar todas as suas providências à sua vontade? Busque primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e ele prometeu que todas as outras coisas lhe serão acrescentadas, e nem um fio de cabelo cairá da sua cabeça sem que ele saiba, pois todos foram contados por ele. Um pardal não cai ao chão sem o seu consentimento, e por que daria ele menos àqueles que alegremente querem agradá-lo?

Creia em Deus, confie nele, e seus cuidados medos e tristezas desvanecerão. Oh, saiba que é misericórdia e conforto de Deus fazer que seja sua tarefa crer nele! Se ele não lhe tivesse feito nenhuma promessa, seria como tivesse prometido. Se ele faz e ordena que creia nele, tenha certeza de que não logrará sua confiança. Se um amigo fiel é capaz de consolá-lo, você não pensará que ele o enganará. Ai de mim! Tenho amigos que ousam confiar em *mim* no estado em que estão, ousam confiar sua vida e alma. Se estivessem em meu poder, não temeriam que eu os destruísse ou machucasse.

Tenho amigos que não conseguem crer no *Deus* de infinita bondade para com eles, embora tenha ordenado tanto que nele cressem quanto prometido que nunca os abandonaria ou esqueceria. Deus, meu pai, é o refúgio da minha alma, que me tranquiliza na hora dos meus temores, que me ordenou a confiar nele com todo o meu corpo, saúde, liberdade, condição; e, quando a eternidade parecer estranha e temível a mim, ele me ordena a confiar nele com a minha alma perecida! Terra e céu são sustentados e mantidos por ele, e serei eu quem dele desconfiará?

OBJEÇÃO: Mas somente seus filhos serão salvos.

Resposta: A resposta à pergunta levantada neste ponto é: Sim. O Pai salvará todos os seus filhos que têm verdadeiramente o desejo de obedecer-lhe e agradá-lo. Se você verdadeiramente deseja ser santo, quer obedecer aos seus mandamentos com uma vida racional, justa e piedosa, pode corajosamente descansar em sua vontade determinada e alegrar-se em seu galardão e vontade aprovada, pois ele perdoará todas as nossas fraquezas por meio dos méritos e intercessão de Cristo.

7. Se você não for tragado pela tristeza, não engula o engodo do prazer pecaminoso. Paixões, estupidez, deveres incompletos têm seus níveis de culpa, mas consistem em pecado prazeroso — que é o pecado que causa profundo dano e traz o perigo. Fuja dos engodos da luxúria, da soberba, da ambição, da inveja e de um apetite incontrollável quanto à bebida e à carne, enquanto você foge da culpa, da tristeza e do terror. Quanto mais prazer você tem no pecado, mais tristeza ele lhe trará; e quanto mais você o conhece e sua consciência lhe diz que Deus é contra ele, ainda que você continue sufocando sua consciência, mais tardia e mais penetrante será a aflição que sobreviverá à sua consciência, e mais imóvel ficará quando for acordado para o arrependimento. Sim, quando uma alma é perdoada pela graça, e crê nesse perdão, essa alma não esquecerá a graça facilmente. A lembrança da vontade de pecar e de como uma tentação prevaleceu e quais misericórdias e razões ignoramos nos fará tão infelizes e tristes; detestaremos tais corações perversos, de maneira que não admitiremos uma reconciliação fácil ou rápida. Sim, quando nos lembramos que pecamos contra o conhecimento, mesmo quando estávamos conscientes dos olhos de Deus; que o ofendemos e que tínhamos dúvidas quanto à sinceridade da nossa alma, isso nos dá medo de ainda termos o mesmo coração e de novamente fazermos as mesmas coisas se tivermos as mesmas tentações. Nunca busque a alegria ou a paz enquanto estiver vivendo no pecado amado e desejado. Esse

espinho deve ser retirado do seu coração antes que a dor seja acalmada, antes que Deus torne seu coração insensível e Satanás lhe dê uma paz enganosa, a qual ele pode dar, mas se prepare para uma tristeza bem maior.

8. Se nenhum dos pecados supracitados lhe causam tristeza, mas nascem das meras perplexidades da sua mente quanto à religião, ou ao estado da Sua alma, como o medo da ira divina pelos seus pecados antigos ou quanto à dúvida da sua sinceridade e salvação, conseqüentemente as críticas precedentes não lhe têm significado algum; mas eu agora devo entregar a você o remédio adequado, que é a cura daquela ignorância e daqueles erros que causaram seus problemas.

Muitos ficaram perplexos quanto às controvérsias na religião, enquanto todos os grupos de oposição estão confiantes e têm muito a dizer, assunto que ao ignorante pareceu ser como verdade e que o simples ouvinte não foi capaz de responder, quando cada grupo lhe disse que seu caminho é o único caminho, ameaçando-o de condenação caso não se convertesse a ele. Os papistas dizem: Não há salvação fora da nossa igreja; isto é, para ninguém além dos súditos do papa de Roma. Os gregos os condenam e exaltam sua igreja, e cada grupo exalta o seu lado. Sim, alguns os converterão a eles com fogo e espada e dirão: Pertença à nossa igreja, ou viverão no inferno; ou faça a igreja deles uma prisão, seduzindo os incapazes e teimosos.

PERGUNTA: Entre todas essas coisas, como saberá o ignorante o que escolher?

Resposta: O caso é triste, e ainda não é tão triste como o caso da maioria do mundo, que está no paganismo, ou na infidelidade ou que nunca se preocupou com religião, mas segue os costumes de seus

países e o príncipe da lei, e talvez não sofram. Sua preocupação com religião, o cuidado para saber o que está certo, é, de certo modo, algum sinal da consideração divina e da sua salvação; até mesmo a controvérsia é melhor do que a indiferença ateia, que estará no lado superior, seja ela o que for. Se você lançar frutos e legumes entre eles, o porco lutará por isso; se lançar carniça, cães lutarão por ela; mas, se for ouro ou joias, cães e porcos nunca lutarão por elas, mas as lançarão na sujeira. Por sua vez, lance-as aos homens, e todos juntos atentarão para elas. Os advogados contendem sobre a lei, e os príncipes, sobre o domínio, coisas que a outros não interessam; e religiosos lutam por religião, ainda que o entendimento deles seja imperfeito. Porém, se seguir essas direções objetivas, as controvérsias não destruirão a sua paz.

As dez leis para sedimentar o coração

1. Compreenda que você deve ser verdadeiro para com a luz e a lei da natureza, a qual toda a humanidade é obrigada a observar. Se não existisse a Escritura nem o cristianismo, a natureza (isto é, as obras de Deus) lhe diria que há um Deus, e que ele é o gratificador deles e diligentemente os procura. Isso lhe diz que Deus é absolutamente perfeito em poder, conhecimento e bondade, e que o homem é racional, livre e criado por ele. Portanto, é sua propriedade e está sob a sua vontade e o seu governo. Isso diz que os atos do homem não são indiferentes, e que devemos fazer algumas coisas e outras não, e que a pureza e a depravação, a boa moral e a má moral, diferem grandemente. Portanto, há alguma lei universal que nos obriga ao bem e nos proíbe o mal. Isso nada é além da lei do Governador universal — Deus. Isso revela a todos os homens que todos devem a Deus obediência absoluta porque ele é o legislador mais sábio e absoluto; e que lhe

devem o seu amor principal porque ele não é apenas o único Benfeitor, mas também o mais perfeito e bondoso. Isso nos diz que ele nos fez membros sociáveis de um mundo, e que devemos amar e ajudar uns aos outros. Isso nos diz que essa obediência a Deus nunca é em vão ou para nossa perda; e nos diz que todos devemos morrer, que os prazeres carnavais e este mundo transitório rapidamente nos deixarão. Não há mais razão para duvidar de tudo ou de qualquer uma dessas coisas, de que o homem seja homem. Essa verdade é grande e será uma grande ajuda para os demais.

2. E quanto à revelação sobrenatural de Deus, agarre-se à Palavra de Deus, a sagrada Bíblia, escrita pela inspiração especial do Espírito Santo, considerando os seus registros como suficientes.

Não se considera fé divina se esta não se apoiar na revelação divina; nem é obediência divina se não for dada pelo governo ou mandato divino. A palavra do homem deve ser crida e merece a fé humana, e a lei do homem deve ser obedecida de acordo com a proporção da sua autoridade, com a obediência humana, porém essas estão distantes da divina. Não há legislador universal de todo o mundo ou igreja a não ser Deus; nenhum homem é capaz disso, nem nenhum concílio de homens. A lei de Deus está apenas na natureza e na Escritura — lei que nos julgará, única regra divina da nossa fé ou julgamento, única regra divina do nosso coração e da nossa vida. Embora nem tudo na Escritura seja de igual clareza ou necessidade, e um homem possa ser salvo ainda que não entenda mil frases ali contidas tudo o que é necessário à salvação é ali claramente apresentado, e a lei de Deus é perfeita para seu uso designado e não há necessidade de suplemento humano. Os concílios e o cânon são de longe mais incertos, e não existe acordo entre seus assuntos, sobre quais são obrigatórios e quais não, nem há alguma possibilidade de acontecer um acordo.

3. Ainda assim, use com gratidão a ajuda dos homens para entender a palavra de Deus e obedecer a ela.

Embora advogados, como tais, não tenham nenhum poder legislativo, você precisa da ajuda deles para compreender o uso correto da lei. E, embora nenhum homem tenha poder de fazer leis para a igreja universal, ainda assim os homens devem ser nossos mestres no entendimento e uso das leis de Deus. Não nascemos com fé ou conhecimento; nada sabemos além do que nos foi ensinado, exceto o sentimento ou a intuição concebida, ou a argumentação acumulada dos anos.

Se você perguntar: “De quem devemos aprender?”, eu respondo: daqueles que conhecem e já aprenderam. Nenhum nome, ou título, ou relacionamento, ou hábito capacitará qualquer homem a ensinar-lhe o que ele não sabe de si mesmo.

- a. As crianças devem aprender com seus pais e tutores.
- b. As pessoas devem aprender com seus pastores e catequizadores fiéis e competentes.
- c. Todos os cristãos devem ser mestres por meio da mútua ajuda caridosa.

Entretanto, o ensino e a elaboração da lei são duas coisas distintas. Ensinar outra pessoa é, além de lhe mostrar a mesma evidência científica da verdade — pela qual o professor se conhece —, fazer que o aprendiz possa conhecê-la como faz seu mestre. Por assim dizer, você acreditará que seja verdade o que eu digo ser verdadeiro e que esse é o seu significado, não ensinando, mas dando a lei. Crer em uma lei não é aprender ou conhecer, embora alguma crença humana de nossos mestres seja necessária aos aprendizes.

4. Não considere nada como necessário ao cristianismo e à salvação que não esteja registrado na Escritura, e que da Escritura não tenha permanecido como necessário a todos os verdadeiros cristãos em todas as épocas e lugares.

Não que devamos primeiro conhecer os homens para nos tomarmos verdadeiros cristãos — por meio deles devemos saber o que vem a ser um verdadeiro cristão —, mas a Escritura diz a todos os homens o que é o cristianismo, e aqueles que conhecemos e tomamos por cristãos também o dizem. Entretanto, se aparecer algo novo, nascido após os escritos dos apóstolos da Escritura, não pode ser um ponto essencial ao cristianismo, ou então o cristianismo será mutável, não sempre o mesmo. De outra sorte podemos considerar que não houve cristãos antes dessa novidade. A igreja não seria a igreja nem haveria um cristão sequer, se faltasse aos cristãos uma parte essencial da fé ou da prática.

Entretanto, considere o engodo dos sofistas; embora nada seja necessário à salvação, todos os cristãos creram, ainda que nada seja necessário, verdadeiro ou bom, que todo cristão tenha feito ou crido; muito menos tudo que a pior parte tentada tenha permanecido: porque embora a essência do cristianismo tenha sido, em todo e qualquer lugar, a mesma, as opiniões dos cristãos e seus erros e faltas não significaram nada diante da sua fé imitável ou prática. A natureza humana é essencialmente a mesma em Adão e em todos os homens, mas as enfermidades da natureza são diversas. Se todos os homens têm pecados e erros, então todas as igrejas têm; seu cristianismo é de Deus, mas não a corrupção e as doenças dos cristãos. Não devemos nos apoiar em nada, mas no que os cristãos da Antiguidade se apoiaram e receberam da Palavra de Deus. Contudo, não é porque cometeram faltas e erros, que você deve apoiar-se neles e praticar as mesmas coisas.

5. Conserve a unidade do Espírito no elo da paz com todos os verdadeiros cristãos e viva em amor e na comunhão dos santos.

Ou seja, viva com os que vivem na crença e na santa obediência da fé cristã e da lei. Pelos seus frutos você os conhecerão. As sociedades dos homens maus, que eliminam o verdadeiro conhecimento prático e a piedade, odeiam os melhores homens, apreciam a perversidade e sanguinariamente oprimem aqueles que, por dever de consciência, não obedecem às suas usurpações e invenções não são a comunhão dos santos; são lobos, espinhos e cardos, e não as ovelhas ou a videira de Cristo.

6. Não dê preferência a qualquer seita desajustada e estranha, diante do consentimento universal do fiel em seu aprendizado ou comunhão, na medida em que o julgamento dos homens tem de ser considerado.

Não consideramos nossa fé com base no número de crentes, embora a decisão da maioria não seja necessariamente a melhor, visto que alguns poucos são muito mais sábios do que a maioria; também, em uma controvérsia, poucos homens de conhecimento têm de ser firmes na fé diante das multidões de menos conhecimento, ainda que Cristo seja o cabeça de todos os verdadeiros cristãos, e não de uma seita ou grupo estranho apenas, e tenha ordenado a todos viverem como irmãos, em amor e santa comunhão. Em todas as ciências, o maior número de homens em concordância parece estar mais correto do que algumas pessoas isoladas, que, por outro lado, não mostram mais capacidade do que eles. Pelo menos, em todo caso, o lado que mais o deve atrair é o do menor número de pontos indispensáveis. Você deve sempre estar em unidade com todos os verdadeiros cristãos, e não desnecessariamente diferir deles.

7. Nunca estabeleça uma opinião duvidosa contra uma verdade estabelecida ou dever; não mude as coisas certas em coisas incertas; pelo contrário, mude coisas incertas em coisas certas. Por exemplo: é certo que você deveria viver em amor e paz com todos os verdadeiros cristãos e fazer o bem a todos e mal a ninguém. Não permita que qualquer diferença duvidosa o faça violar essa regra e odiar, caluniar, difamar e os machucar por uma coisa duvidosa, indiferente e desnecessária. Não invente, não apimente, não dizime nem faça cerimônia contra o amor e a justiça, contra as maiores coisas e as coisas mais certas da lei. Ir contra a natureza e a tarefa comum do cristianismo e da humanidade é uma seita ou opinião insana.

8. Sirva fielmente a Cristo enquanto puder, e seja fiel a toda a verdade que conhece; não peque por omissão nem pratique algo contra o conhecimento que possui, para que Deus, fazendo justiça, não o faça abandonar o entendimento para crer numa mentira.

9. Lembre-se de que todos os homens na terra são ignorantes e conhecem como por espelho, em parte. Portanto, mesmo o melhor deles, tem muitos erros. Nenhum homem conhece a menor folha de grama ou o verme com o conhecimento adequado e perfeito. E, se Deus nos suporta com uma multidão de erros, devemos todos nos suportar, de maneira que toleremos uns aos outros. É bom que os homens sejam humildes, ensináveis e desejosos de aprender. Como vimos, poucos são tão imperfeitos como as seitas que se declaram sem pecado e perfeitas. Assim, vemos poucos tão falíveis e errados como a seita Romana, que defendia sua infalibilidade.

Quando ela lhe diz que deve crer nos seus papas e concílios, para chegar ao fim de uma controvérsia, pergunte-lhe se podemos aqui esperar pelo fim da ignorância, do erro e do pecado; se não, qual a

esperança de final para todas as controvérsias antes que venha o céu, onde termina a ignorância? As controvérsias contra a essência do cristianismo terminaram quando nos tornamos cristãos adultos e verdadeiros, e o resto irá diminuindo conforme crescemos no conhecimento. A Divindade não é menos misteriosa do que a lei, a ciência etc., em que sobeja a controvérsia.

10. Não limite a si mesmo quanto ao conhecimento, nem diga: “aprendemos o suficiente”. Entretanto, continue como sábio em Cristo, aprendendo mais e mais até a morte: o mais sábio sabe pouco e ainda pode crescer. Há uma diferença enorme em excelência, utilidade e conforto entre homens de inteligência e conhecimento sistematizado e homens de compreensão desorganizada e confusa.

Essas dez regras práticas o salvarão da perplexidade diante das dúvidas e controvérsias de todos os embusteiros da religião.

As verdades aplicáveis ao coração

Se seu problema não diz respeito a controvérsias doutrinárias, mas sobre seus pecados, pobreza de graça e estado espiritual, processe bem as seguintes verdades e conselhos, e eles o curarão.

1. A bondade divina é compatível com sua grandeza; é similar àquele poder que rege o céu e a terra. Seus atributos são incomensuráveis; e a bondade fará bem a receptores capazes. Ele nos amou quando éramos seus inimigos; e ele é, essencialmente, amor em si mesmo.

2. Cristo assumiu a natureza humana por vontade própria e penitenciou os pecados do mundo cabalmente, e o fez de tal maneira que ninguém pereça por insuficiência de seu sacrifício e méritos.

3. Desses méritos, Cristo fez uma lei, ou aliança da graça, perdoando todos os pecados, dando livremente a vida eterna a todos que, crendo, o aceitam...

4. A condição para o perdão e vida não é a isenção do pecar, nem a de o comprarmos de Deus por qualquer preço, nem o agradarmos ou conquistar sua graça por meio de boas obras, mas somente por crer nele e desejarmos aceitar a misericórdia que livremente ele nos oferece, de acordo com a natureza do dom; ou seja, aceitarmos Cristo como Cristo, para nos justificar, santificar, governar e salvar.

5. Deus comissionou seus ministros para proclamar e oferecer essa aliança e graça a todos e, merecidamente, suplicar-lhes por seus nomes para serem aceitos e reconciliados com ele. Ele não isentou ninguém.

6. Nenhum homem que recebe essa oferta é condenado, mas apenas aqueles que obstinadamente a recusam até o último sussurro.

7. O dia da graça ainda não passou para o pecador; se desejar, ainda pode receber perdão. Se não o tiver, é porque não quis. O dia da graça está longe de passar. A salvação é oferecida a todos que a desejam; a graça ainda é oferecida urgentemente a todos.

8. O propósito é que o homem se ponha diante da consideração divina; diante dela o homem é o que deveria ser, e terá que concordar que a aliança é graça verdadeira e conversão, e ter direito a Cristo e à vida.

9. O número e a quantidade dos pecados anteriores não são exceção contra o perdão do pecador convertido e penitente: Deus perdoa tanto o pecado grande quanto o pequeno; onde abundou o pecado, superabundou a graça; há muito perdão, e os homens podem dar graças e amar liberalmente.

10. O arrependimento é legítimo, embora lágrimas e tristeza apaixonada sejam defectivas, quando um homem preferir deixar seu pecado a conservá-lo e, sinceramente, embora de modo imperfeito, tenha se esforçado totalmente para superá-lo. Nenhum pecado ao qual um homem mais odiou do que o amou, que verdadeiramente preferiu deixá-lo a conservá-lo, e demonstrou isso por meio de um verdadeiro esforço, o condenará.

11. O melhor homem ainda possui muito mal em si, e o pior tem algo bom, mas é o que ele prefere e predomina na sua vontade que diferenciará a bondade da maldade. Ele, que com estima, escolha e vida preferiu Deus, o céu e a santidade em vez de o mundo e os prazeres do pecado, é uma verdade, um homem piedoso, e será salvo.

12. O melhor dentre os homens necessita de perdão diário, até mesmo pela falha dos seus deveres mais sagrados, e diariamente deve viver em Cristo para obter perdão.

13. Homens regenerados frequentemente cometem até mesmo os pecados contra o conhecimento e a consciência, ainda que saibam mais do que outros e possuam consciência mais ativa: felizes seriam se pudessem ser tão bons quanto na verdade sabem que deveriam ser e amar a Deus quanto sabem que deveriam amar. Seriam mais felizes se

fossem livres de todas as paixões e crenças sobreviventes que sua consciência lhes diz ser pecado.

14. Deus não considerará as tentações de Satanás como pecados nossos; quer apenas que resistamos a elas. O próprio Cristo foi tentado a cometer pecados horríveis, até a dobrar-se diante do demônio e adorá-lo. Deus cobrará de Satanás as tentações cheias de blasfêmias.

15. Os pensamentos, medos e problemas que a melancolia, a fraqueza natural e a doença irresistivelmente causam têm muito mais a ver com doenças do corpo do que com o pecado. Portanto, é o menor dos pecados; na verdade, não é mais pecado do que tremer ou ter sede por causa da febre. A questão vai além — alguns pecados realmente causam a doença que causa a febre, mas ainda assim resta algum poder na razão para resistir a eles.

16. A certeza da nossa fé e a sinceridade não são necessárias à salvação. Entretanto a sinceridade da fé em si é necessária. Uma pessoa será salva quando negar a si mesma em favor de Cristo, embora ela não tenha total consciência se está sendo sincera ao fazer isso. Cristo, por sua vez, tinha total consciência da sua graça, enquanto aqueles que a recebiam não tinham noção completa de que ela é confiável. Apenas alguns poucos cristãos têm a certeza da salvação; é um conhecimento penoso saber que a graça débil é obstruída por grande corrupção e, normalmente, tem relação com o medo e a dúvida.

17. A probabilidade da sinceridade e a confiança em Cristo podem causar ao homem, merecidamente, viver e morrer em paz e conforto, mesmo sem uma certeza apropriada; e quaisquer outros poucos cristãos deveriam viver e morrer em paz; e ainda vemos pela experiência que

muitos assim o fazem. A opinião comum da maior parte dos escritores da igreja — por quatrocentos anos depois de Cristo — foi a de que há um tipo de cristão não perseverante que pode cair de um estado de graça, ou seja, teria sido salvo se tivesse permanecido. Portanto, que nenhum além dos fortes cristãos confirmados, a maioria, poderia ter certeza da salvação. Muitas igrejas protestantes ainda têm essa mentalidade e até agora não vivem em desespero e terror. Nenhum homem tem certeza de que não cairá como Davi e Pedro caíram terrivelmente. E, enquanto não tem uma razão para pensar que essa queda é provável, não precisa viver em terror por causa da incerteza. Nenhuma esposa ou filho tem certeza de que o marido ou pai não os assassinará, e conseguem viver confortavelmente e não temem este dia.

18. Embora a fé seja fraca a ponto de ser assaltada com dúvidas sobre a veracidade do evangelho e se há vida futura, e embora nossa fé em Cristo não seja forte o suficiente para banir nossos medos e problemas, se virmos suficiente evidência de credibilidade no evangelho e a probabilidade de uma vida futura melhor — como aqui nos compele a ajustar nossas esperanças e escolhas, resolver aquelas esperanças para buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, deixar todo o mundo em vez de vender todas as esperanças e viver uma vida santa para obtê-la —, essa fé nos salvará.

19. Entretanto, o amor e a promessa de Deus por intermédio de Cristo são garantidos pela fé e o conforto. O grande dever e interesse de todos os homens, confiante e comedido, é crer nele, e então viver na alegria da santa verdade e esperança.

20. Se algum homem duvidar da sua salvação por causa da grandeza dos seus pecados, a maneira de tranquilizá-lo no momento é fazê-lo

avaliar o desejo de abandoná-los. Ou ele está reclamando e desejando ser santo e abandonar seus pecados ou não. Se não quer deixá-los, mas os ama e os mantém, por que se queixa deles e murmura daquilo que tanto ama? Se seu filho chora e grita por causa de uma maçã azeda e não decide parar de comê-la, você não tem pena dele, mas o açoita como a um perverso. Entretanto, se verdadeiramente há o desejo do abandono, você está salvo dessa culpa condenatória.

21. Se você tem dúvida da sinceridade da sua fé, de outras graças e, se tem dúvidas quando realiza um autoexame, a saída, no momento, é acabar com as dúvidas desistindo de si mesmo por Cristo. Você ainda não sabe que, quanto mais se aproxima de Cristo, mais perto chega de ser um verdadeiro crente? Você pode saber que Cristo lhe é oferecido agora; permita que isso lhe aconteça por meio da aliança com ele e aceite sua oferta; talvez assim tenha a certeza de que ele é seu.

22. O simples exame não é sempre suficiente para dar segurança, mas labute para estimular e exercitar a graça de que você deve estar seguro; para ter certeza de que você crê em Deus o ama, você deve estudar as promessas e a bondade de Deus até que a fé ativa lhe assegure de que você crê, de que você o ama e glorifica e até que tenha certeza do seu amor por elas.

23. Não é por meio de atos extraordinários, bons ou ruins, que podemos ter a certeza de qual é o estado da alma, mas pela tendência, inclinação e força predominante no coração e na vida de uma pessoa.

24. Embora lamentemos não conseguir crer, nem amar a Deus, nem orar corretamente, Cristo pode nos ajudar; sem sua graça, não podemos fazer nada, mas sua graça é suficiente a nós. Ele não nos negou sua

ajuda quando nos criou; pelo contrário, nos mandou pedi-la e obtê-la. Se alguém tiver falta de sabedoria, deve pedir a Deus, que dá a todos liberalmente e não censura com tolices antigas, mas lhe dá seu Espírito que foi pedido.

25. Esse pecado chamado blasfêmia contra o Espírito Santo não é o pecado daquele que crê que Jesus é o Cristo nem de quem não o teme, não, nem de todo infiel; mas apenas de alguns poucos inimigos descrentes e obstinados. Pois o resumo é este: quando os homens virem tais milagres de Cristo e de seu Espírito, quando tais milagres deveriam ou poderiam convencê-los que provém de Deus, e quando não tiverem outra escolha, certamente afirmarão que ele é um encantador e que tal obra foi realizada pelo demônio.

26. Embora o medo de pecar seja muito incômodo, e não deva ser apreciado, frequentemente Deus o permite e o usa para o bem; para nos guardar de sermos corajosos diante do pecado, nos guardar daqueles prazeres pecaminosos e do amor ao mundo, da presunção e da despreocupação, que são muito perigosos, e para derrubar o orgulho e nos manter em estado de alerta e sensíveis; pois o medo existe para nos preservar da dor e do perigo.

27. O medo, as dúvidas e o peso passarão rapidamente para aquele que chega aos céus temendo e tremendo. Tudo isso passará para sempre.

28. Quando Cristo estava em agonia pelos nossos pecados, clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Todavia, era amado de seu Pai; e, como ele foi tentado, poderia socorrer os que são

tentados; e, por sofrer tal escárnio, poderia ser um Sumo Sacerdote compassivo para com os sofredores.

29. Quanto mais problemas, tentação de blasfêmias, dúvidas, medos de tornar-se um homem atroz, desprazeres e ódio, mais se pode afirmar que estes não o condenarão, pois não são pecados amados.

30. Todos os nossos problemas estão sob o governo de Deus; e é muito melhor para nós ser sua escolha e estar à sua disposição do que estar à nossa disposição ou à do nosso mais querido amigo; ele prometeu que todas as coisas cooperariam para o nosso bem. Romanos 8.28.

31. O prazer em Deus e na bondade, e uma disposição de alma que louva e se alegra por meio da fé no amor de Deus em Cristo são muito mais desejados do que a aflição e as lágrimas, que não faz muito mais do que limpar a imundícia para que o amor, a alegria e a gratidão possam entrar, sendo eles o verdadeiro espírito cristão evangélico e o estado mais semelhante ao estado celeste.

Considere estas verdades, e elas o curarão.

Ajuda para os depressivos

Mas, se a melancolia já tomou a liderança, deve haver, além do que foi dito, alguns outros remédios adequados para ser usados; a dificuldade é grande porque a doença os torna autoconvencidos, irracionais, teimosos e obstinados, e dificilmente serão persuadidos de que a doença está em seu corpo, e não somente em sua alma, e não crerão, mas racionalizarão tudo o que pensam e fazem. Ou, se confessam o contrário, advogam

incapacidade e dizem: “Não podemos pensar e fazer de outra maneira além daquela que fazemos”.

Mas, supondo que há algum uso da razão que restou, darei a eles um conselho adicional; e o que não podem fazer, seus amigos devem ajudá-los com seus poderes, aos quais eu adicionarei.

1. Considere que deveria ser fácil para seus pensamentos problemáticos e confusos perceberem que sua compreensão não é agora tão clara e forte como o entendimento de outros homens; portanto, não ser tão teimoso e convencido, e não achar que seus pensamentos são mais corretos do que os deles, mas confiar em homens mais sábios e ser governado por eles.

Responda-me a esta pergunta: conhece algum pastor ou amigo que seja mais sábio do que você? Se disser que não, quão loucamente orgulhoso você é? Se disser que sim, então pergunte ao pastor ou aos seus amigos o que pensam a respeito da sua condição e acredite neles, e seja governado por eles em vez de dominado por seu ego enfermo.

2. Você acha que seus problemas lhe fazem mais bem ou mal? Eles o qualificam ou o desqualificam a crer e amar a Deus, a se alegrar nele e louvá-lo? Se você sente que são contra tudo o que é bom, talvez tenha certeza de que as tentações do Diabo virão e serão agradáveis a ele. Você aprecia ou defende a obra de Satanás, que reconhece ser contra você mesmo e contra Deus?

3. Evite suas reflexões e não exercite seus pensamentos tão profundamente nem em demasia. Meditações longas são um dever de qualquer pessoa, mas não para você, não mais do que é para um homem que tem o dever de ir à igreja e que está com a perna fraturada ou o pé torcido: ele deve descansar até que se restabeleça e seja

fortalecido. Você deve viver na fé e no temor de Deus, sem determinar-se em pensamentos incômodos e profundos.

Quem desobedecer a esse conselho precisará que seus amigos o façam mudar de ideia e seguir noutra direção.

4. Portanto, não deve ficar muito tempo sozinho, mas sempre com uma companhia agradável e alegre: o solitário aprecia a reflexão.

Nem deve permanecer em longas orações secretas, mas em orações públicas, com as pessoas.

5. Passe dos pensamentos já traçados às coisas mais excelentes: não atente para si mesmo e para seu coração desequilibrado; talvez descubra que há muito problema no melhor. Assim como as pedras do moinho se deterioram sem o milho, assim são os pensamentos quando não pensam coisas melhores do que seu coração. Se você tem algum poder sobre seus pensamentos, force-os a pensar na maioria destas coisas:

- a. Na infinita bondade de Deus, que é mais cheia de amor do que o sol de luz.
- b. No ilimitado amor de Cristo em relação à redenção do homem e na suficiência desse sacrifício e méritos.
- c. Na livre aliança e oferta da graça que concede perdão e vida a todos os que preferem não ter o prazer do pecado diante de si e obstinadamente o rejeitam até o fim.
- d. Na inconcebível glória e alegria que todos os abençoados têm com Cristo e que Deus prometeu com seu juramento a todos que concordam na aliança da graça e desejam ser salvos e governados por Cristo. Esses pensamentos curarão os medos da melancolia.

6. Não murmure frequentemente, mas seja a maior parte da sua fala de acordo com as grandes misericórdias que recebeu de Deus. Você se

atreveria a negá-las? Não são elas mais valiosas ao seu discurso do que seus sofrimentos momentâneos? Não permita que todos os homens saibam que está passando por problemas: a murmuração atua na alimentação da melancolia, e isso desencoraja seus conselheiros e amigos anônimos. Faça mais uso na fala do amor de Deus, das riquezas da graça; assim, afastará e suavizará seus pensamentos mais amargos.

7. Especialmente, quando você orar, decida gastar a maior parte do seu tempo com ações de graças e louvor a Deus. Se você não consegue fazer isso com a alegria que deveria, faça da maneira que puder. Você não tem o poder de controlar seu bem-estar interior; mas não tem o poder de controlar a sua língua? Diga que não se sente qualificado para agradecer e louvar, a não ser que tenha um coração de louvor e seja filho de Deus; pois todo homem, bom ou mau, tem a tendência de louvar a Deus e de ser-lhe grato por tudo que recebeu. Todo homem tem a tendência de fazer isso tão bem quanto puder, menos deixar isso por fazer. A maioria dos cristãos não tem segurança da sua adoção; devem, por isso, abandonar todo louvor e gratidão a Deus? Agradecer quando puder é a melhor maneira de tornar a gratidão cada vez melhor. A ação de graças estimula o agradecimento no coração, mas fazendo objeção talvez você perceba que o Diabo o dirige e o conduz por meio da melancolia. Ele afasta toda a gratidão a Deus da sua vida e afasta o amor e a bondade de Deus das suas orações.

8. Quando a aflição ou os pensamentos blasfemos forem forçados a penetrar sua mente por Satanás, não os acolha nem se preocupe em excesso com eles: primeiro, use a razão e o poder que foram resolutamente deixados para expulsá-los e dirija seus pensamentos para outra coisa; nunca diga “eu não posso”. Contudo, se você não consegue mudar e parar de pensar, levante-se e encontre uma companhia ou um

trabalho que o distraia e absorva. Diga-me o que faria se ouvisse uma mulher murmurando insultos na rua contra você, ou o que faria se ouvisse um ateu falando contra Deus? Ficaria parado ouvindo ou a interpelaria, ou, melhor ainda, se afastaria deles e desdenharia deles, ou debateria o caso com eles? No seu caso, quando Satanás lança terror, desespero ou pensamentos de murmuração, deixe-os e pense em outra coisa ou faça outra coisa.

Se não consegue fazer isso sozinho, peça ajuda a um amigo quando a tentação chegar; é dever dele cuidar de você e distraí-lo com outra conversa ou palavras, ou forçá-lo a ter uma companhia que afastará você da tentação.

Não se incomode excessivamente com a tentação, pois o incômodo da mente mantém o assento perverso em sua memória e o aumenta, como a dor de uma ferida leva o sangue e espírito ao local da chaga. E este é o desígnio de Satanás: dar-lhe pensamentos que incomodam e então causar mais problemas por meio daqueles que lá estão. E assim por diante, pois um pensamento e um problema causam outro e aquele outro e assim continuamente; são como as ondas no mar que seguem umas às outras. É comum até as melhores pessoas serem tentadas. Eu já lhe disse a respeito de qual idolatria Cristo foi tentado. Quando sentir tal tipo de pensamento, agradeça a Deus, pois Satanás não pode o forçar a amá-lo ou consentir com ele.

9. Novamente, lembre-se de que você tem uma evidência confortadora de que seu pecado não é uma maldição, enquanto sente que não o ama, mas o odeia, e está cansado dele. É incomum qualquer tipo de pecador ter menos prazer em seus pecados do que melancolia, nem menos desejo de praticá-los do que de mantê-los; somente pecados amados arruinam os homens.

Certifique-se de que não vive ociosamente, mas em constante negociação de um chamado legal, até quando tiver força física. O ócio é um pecado constante, e o trabalho é um dever. O ócio não é nada além da casa do Diabo para a tentação e para meditações confusas e inúteis. O trabalho beneficia outros e a nós mesmos: tanto a alma quanto o corpo precisam dele. Seis dias você deve trabalhar e não comer o pão da preguiça. Provérbios 31. Deus fez do trabalho o nosso dever e nos abençoou no seu caminho designado. Conheci a dor, o desespero e a cura da melancolia, e transformei minha vida em uma vida de alegria e principalmente estabeleci constância e diligência nos negócios e vocação da família. Isso desvia os pensamentos da tentação e deixa o Diabo sem oportunidade; agrada a Deus se feito em obediência e purifica o sangue adoecido. Embora haja milhares de pobres que vivem na miséria, e tenham esposa e cuidados, por ora poucos deles caem doentes de melancolia, pois o trabalho mantém o corpo são e os deixa sem tempo livre para reflexões melancólicas. Ao passo que, em Londres⁵ e nas grandes cidades, há muitas mulheres que nunca suaram o suor do trabalho, mas vivem no ócio, em contínuo aborrecimento, perto da demência, descontentes e com uma mente desassossegada.

Se não for persuadido a trabalhar, seus amigos, se puderem, deveriam forçá-lo a fazê-lo.

E, se o Diabo tornar-se religioso como um anjo de luz e lhe disser que isso só vai desviar seus pensamentos de Deus, e que os pensamentos e os negócios do mundo não são santos e são próprios aos homens mundanos, diga-lhe que Adão estava na inocência quando cultivava o jardim e cuidava dele; Noé tinha todo um novo mundo diante dele e tornou um agricultor; Abraão, Isaque e Jacó guardavam as ovelhas e o gado; Paulo era um fazedor de tendas; e, supõe-se, o próprio Cristo trabalhou no ofício do pai, indo também pescar com seus discípulos. Paulo disse que é loucura caminhar desordenadamente e que aquele que

não trabalha não deve comer. Deus fez a alma e o corpo e ordenou que os dois trabalhassem.

Se Satanás o dirigir inadequadamente a orar secretamente mais do que pode tolerar, lembre-se de que até a doença desculpará o doente desse tipo de dever, que não é para ele adequado. Esse excesso é que o fará enfermo. Os gemidos inexprimíveis do seu espírito são aceitos.

Se você tem privacidade demais e sente falta de sons, darei um conselho: em vez de uma longa meditação, de uma oração longa, deveria cantar um salmo de louvor a Deus, como o 23 ou o 133; isso estimulará seu espírito em relação àquela sorte de santas afeições, que são muito mais aceitáveis a Deus e próprias à esperança de um crente do que são os problemas que o angustiam.

Deveres dos amigos e parentes de pessoas depressivas

Mas até agora nada falei em relação aos deveres daqueles que cuidam de pessoas angustiadas e melancólicas, especialmente aos maridos (pois essa doença é muito mais frequente na mulher do que no homem). Quando a enfermidade incapacita as mulheres, a maioria da ajuda, sob orientação de Deus, deve ser de outros e de duas formas: 1) com um comportamento prudente; 2) com remédios e dieta; um pouco dos dois.

1. Uma grande parte da cura está em agradar as pessoas depressivas, evitando que quaisquer questões desagradáveis, sem ferir a correção, aconteçam. O descontentamento é uma grande porção da doença, e um marido que tem uma esposa enferma está obrigado a fazer o seu melhor para curá-la, tanto por amor e elos de parentesco quanto para a própria paz. Alguns homens têm uma grande fraqueza, pois se têm esposa que, por fraqueza natural ou melancolia ou enfermidade, é obstinada e não se rende à razão, eles demonstram sua ira e provocação. Você se casou

com ela para o melhor e para o pior, para a doença e para a saúde. Se você escolheu alguém que, como uma criança, exige tudo o que deseja e dita o que deve ser falado enquanto seu berço é balançado, você precisa se tornar se dignar crescer em tolerância para conduzir o fardo que escolheu, a fim de que talvez não o torne ainda mais pesado sobre seus ombros. Sua raiva e irritação em relação à pessoa que não consegue curar a si mesma de seu comportamento desagradável são uma falta mais indesculpável e tola do que a dela, que não tem o poder da razão como você.

Se você conhece algo lícito que agradará as pessoas depressivas com seu discurso, companhia, aparência, ambientes e tratamento, conceda-lhes; caso tenha consciência do que lhes desagrada, remova. Não falo de confusões que devem ser controladas pela força, mas da tristeza e melancolia. Você poderia planejar uma maneira de colocá-las em uma condição agradável que poderia curá-las?

2. Desvie tais pessoas, o máximo que estiver ao seu alcance, de pensamentos que sejam problemáticos; mantenha-as com outras conversas e negócios; interrompa-as e mude repentinamente as suas reflexões; estimule-as, mas com afabilidade. Não permita que sofram sozinhas; faça-lhes companhia, especialmente não permitindo que fiquem ociosas; mas leve-as a fazer algum tipo de trabalho agradável que possa movimentar o corpo e ocupar os pensamentos. Se forem viciadas em leitura, não permita que façam leituras muito longas, nem leiam livros que não lhes sejam adequados, e preferivelmente deixe que outra pessoa leia para elas. Os livros do dr. Sibbes, algumas histórias agradáveis ou crônicas ou notícias de assuntos internacionais talvez, de algum modo, possam distraí-las.

3. Declare frequentemente diante delas as grandes verdades do evangelho que são as mais adequadas para seu conforto; e leia com elas livros que informam e consolam. Viva de uma maneira amorosa e alegre no meio dessas pessoas.

4. Escolha para elas um pastor que seja capaz e prudente, tanto em relação a conselhos secretos quanto a conselhos públicos; um pastor que seja capacitado em tais casos e que seja pacífico, e não contencioso, falso ou amigo de opiniões estranhas; um que preferivelmente seja criterioso no sermão e na oração do que apaixonado, exceto quando deseja pregar as doutrinas do evangelho da consolação, e então quanto mais fervoroso, melhor. Finalmente, um pastor que estimam e reverenciam e que ouvirão com consideração.

5. Esforce-se para convencê-las sempre que possível do grande erro que é, para o Deus de amor e de misericórdia infinita e para um Salvador que tão maravilhosamente expressou seu amor, pensar de forma mais austera a respeito dele do que de um amigo, sim, ou mesmo de um inimigo e, assim, dificilmente ser persuadido do amor que foi manifesto pelo mais estupendo dos milagres. Se tivessem um pai, marido ou amigo que tivesse arriscado a vida por elas e lhes houvesse dado tudo o que sempre tiveram, não seria uma ingratidão vergonhosa e uma tremenda injúria suspeitar ainda que esse pai, marido ou amigo pretendia tudo contra elas, projetava o mal contra elas e não as amava? Como o nosso Deus e Salvador poderia merecer algo assim? E muitos que dizem que não é de Deus que suspeitam, mas de si mesmos, apenas escondem o infortúnio desse erro, enquanto negam as maiores misericórdias de Deus; e, ainda que de bom grado tivessem Cristo e a graça, não creriam que o Deus que se lhes ofereceu tudo lhes dará, mas acham que ele é aquele que vai irremediavelmente condenar uma pobre

alma que deseja agradá-lo e que prefere ter sua graça a todos os prazeres pecaminosos do mundo.

6. Leve-as para conhecer novas pessoas. Normalmente respeitam estranhos, e rostos novos as divertem, especialmente quando viajam.

7. Seria muito útil, se possível, engajá-las no conforto de outros que estão passando por aflições mais profundas, pois isso lhes dirá que seu problema não é singular, e falarão consigo mesmas enquanto falam com outros. Uns dos principais meios de cura dos medos da condição da minha alma, cerca de 45 anos atrás, foi confortando outras pessoas que tinham a mesma dúvida que eu, cuja vida me convenceu da sua sinceridade.

Seria distração excelente enviar a essas pessoas depressivas alguém que esteja passando pelo mesmo problema, expediente a que a maioria delas é contra; discutir o problema enquanto estimulam sua mente para convencê-las e rebatê-las possibilita mudar os pensamentos quanto às próprias aflições. Forester conta que tinha um paciente melancólico, que era papista, e que foi curado quando a Reforma chegou ao seu país, por meio do afã de contestá-la. Uma causa melhor pode fazer algo melhor.

Cuidados médicos para os depressivos

Se outros meios não funcionarem, não negligencie os remédios; e, embora as pessoas depressivas sejam avessas a eles, pensando que a enfermidade é apenas na mente, devem ser convencidas ou forçadas a tomá-los. Conheci uma senhora com uma depressão profunda: há muito não falava, não tomava remédios nem suportava que seu marido deixasse o quarto. Em meio a toda aquela restrição e dor, ele faleceu.

Então ela foi curada pelas drogas colocadas à força em sua garganta por um tubo.

Se fosse, como alguns deles imaginam, uma possessão do Diabo, seria possível expulsá-lo pela força da medicina, porque, se você curar a melancolia, ele sairá da cama. Assim, o Diabo perdeu a vantagem pela qual trabalhou. Cure a cólera, e as ações coléricas do Diabo cessarão. Ele trabalha em nós por meio do humor.

Entretanto, escolha um médico que seja especialmente capacitado para tratar dessa doença e tenha curado muitas outras pessoas. Não se relacione com mulheres e ostentadores ignorantes, nem com jovens inexperientes, nem com homens apressados, ocupados e que fazem mais do que podem, que não conseguem ter tempo para estudar as doenças de seus pacientes, mas escolha homens que sejam experientes e cautelosos.

Os medicamentos e a teologia nem sempre são administrados juntos pela mesma mão; mas, nesse caso da complicação perfeita de enfermidades da mente e do corpo, creio que seu uso não seja inapropriado, e, se eu o fizer, não farei inabilmente.⁶ Meu conselho é que aqueles que podem ter um médico circunspecto, cuidadoso, honesto, experiente, capacitado e vivido, não negligencie o seu uso.

A doença chamada melancolia se instala formalmente no espírito, cujo desequilíbrio o desqualifica para seu ofício, servindo à imaginação, compreensão, memória e afeições. Assim, por meio do seu desequilíbrio, a faculdade do pensar fica enferma e se toma como um olho inflamado ou um tornozelo torcido, incapaz de realizar um trabalho adequado.

A questão que normalmente é a raiz e a base é uma corrupção total do sangue, que é o veículo da vida; e que normalmente é acompanhada de algumas doenças do estômago, baço, fígado ou outras partes do corpo que servem para a devida mistura, movimentação e purificação do sangue; que são várias doenças e que raramente são as mesmas

enfermidades em muitas pessoas e pouco conhecida dos médicos mais sábios.⁷ O baço é o mais comumente evidenciado e frequentemente culpado. O estômago, o pâncreas, o fígado, os rins não raramente são a raiz — algumas vezes por obstrução dos humores. Algumas vezes a obstrução é por meio de pedras, outras vezes por vários tipos de líquidos e outras, ainda, pela vesícula; todavia, quando obstruído, senão tumeficado, o baço é o que mais levanta suspeita entre todos os órgãos.

Tal líquido distinto e negro chamado melancolia, que frequentemente tem sido conhecidamente acusado, é raramente encontrado em alguém, a menos que você denomine ou o sangue ou o líquido do excremento por aquele nome, que se desenvolveu pela mortificação, pela ausência de movimento e vida. Entretanto, o sangue em si pode ser chamado de sangue melancólico ao contrair aquele desequilíbrio e individualidade pela impureza, indolência, ardência e efeitos melancólicos.

Mas, algumas vezes, as pessoas sãs, de repente, são lançadas na melancolia por um susto ou pela morte de um amigo ou por alguma grande perda, uma cruz ou uma grande maré de tristeza, de uma hora para outra, o que mostra que ela não surge sempre de qualquer líquido chamado melancolia, nem de qualquer doença anterior.

Contudo, o exato ato da mente, de repente, desorganiza as paixões e perturba os espíritos; e os espíritos perturbados, com o passar do tempo, viciam o sangue que os contém; e o sangue viciado, com o passar do tempo, vicia as vísceras e as partes por onde passa. Por isso, a doença começa nos sentidos e na alma, estende-se ao espírito depois ao líquido e, então, às partes e aos amigos, e alma e corpo adoecem juntos.

É de grande valia ao médico saber onde inicia a corrupção, seja na mente, seja corpo; e, se no corpo, seja no sangue, seja nas vísceras, pois a cura deve ser administrada adequadamente.⁸

Contudo, a melancolia mental pode ser atenuada, e a corrupção mental, mantida sob controle, embora um baço obstruído, ferido,

continue sem cura por muitos anos.

Embora a doença comece na mente e no espírito, e o corpo ainda esteja são, o físico, se for purgando frequentemente, é curado. Mesmo que o paciente diga que as drogas não podem curar a alma, a alma e o corpo estão ligados de modo maravilhoso nas doenças e nas curas. E ainda que não saibamos como isso acontece, ao menos a experiência nos diz que acontece, e temos motivos para usar tais meios.

O Diabo tem outra *terapia* para o triste e melancólico além das que tenho prescrito aqui, que é lançar fora toda crença na imortalidade da alma e na vida futura, ou no mínimo não pensar nessa questão; e tomar a religião como supérflua, supersticiosa; e rir das ameaças da Escritura e seguir para as casas de jogos e cartear, jogar, beber e divertir-se com a melancolia. As diversões honestas são excelentes para pessoas melancólicas; sempre que possível, devemos fazer uso delas. Mas ai de mim! Essa cura satânica é como uma barganha de bruxas com o Diabo, que promete muito, mas as paga com a vergonha e a miséria completa. O final daquela alegria é uma tristeza incurável, se o arrependimento oportuno não curar a sua causa. A tropa de Satanás no coração dos pecadores é fortemente contida se estes estiverem em paz. Mas, quando brincam com o tempo, com a misericórdia e esperança, devem morrer; não há mais remédio; e vão alegremente e descrentes para o inferno. Depois de todos os chamados e avisos de Deus, não haverá abatimento da sua tormenta; não haverá como sair do mundo da culpa pelo pecado. A vida terminará antes que conheçam a utilidade dela, e suportarão a justiça de Deus os que maldosamente desdenharam de Cristo e da graça. E será posto um fim em sua alegria, pois “Não há paz para os ímpios, diz o SENHOR” (Is 48.22; 57.21). Mas Cristo diz aos que choram: “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados” (Mt 5.4). E João 16.20 diz: “...chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Ficareis tristes, porém a vossa tristeza se transformará em alegria”. E

Salomão sabia que era melhor ir à casa onde havia luto do que à casa em festa; e que o coração do sábio está na casa do luto, mas o do tolo, na casa da alegria, conforme Eclesiastes 7.2-4. Entretanto, a alegria da fé e da esperança é a melhor de todas.

¹Quando alguém pensa ter pecado contra o Espírito Santo, essa pessoa vive em uma condição de extremo sofrimento, e somente pessoas sábias nas Escrituras poderão aconselhar adequadamente quem sofre.

²William James trata do fenômeno das “desconversões” em seu clássico estudo *Variedades da experiência religiosa*.

³O autor usa *libertino* como sinônimo de antinomiano, referência a quem nega que a lei de Deus na Escritura deve controlar diretamente a vida do cristão (J. I. Packer).

⁴Jonas 4.8,9.

⁵Na Londres do século 17.

⁶Atualmente as funções médicas e as pastorais têm estatutos distintos. Tão somente médicos podem prescrever medicamentos. Sacerdotes, agentes pastorais, médicos, psicólogos e outros profissionais da saúde têm o dever ético de se complementarem.

⁷Hipótese etiológica somatopsíquica; o corpo enfermo afeta a alma.

⁸Baxter em geral ignorava tanto a bioquímica quanto a psicologia e a farmacologia moderna. Todavia, seus *insights* são ainda hoje de grande valia. Na época de Baxter, pensava-se que a saúde dependia do equilíbrio adequado de determinados fluidos ou “líquidos” do corpo. A melancolia ou a depressão era atribuída à presença de um “humor (líquido) negro”, como Baxter afirma. É interessante ler a avaliação de Baxter quanto a essa teoria e sua observação de que alguns casos de depressão são exógenos, como, por exemplo, aqueles causados por choques ou dor, e alguns endógenos, isto é, sem nenhuma causa aparente. Além disso, é importante a observação de Baxter de que alguma depressão é naturalmente espiritual e em alguns casos provocada por enfermidades somáticas. Talvez seja apropriado resumir esta seção da obra de Baxter da seguinte forma: aqueles com depressão de natureza espiritual requerem conselho espiritual. Aqueles cuja depressão é resultado de enfermidade somática precisam de cuidados médicos para corrigir a causa. Pessoas que sofrem de depressão endógena talvez requeiram tanto tratamento espiritual quanto médico, dependendo do caso. O conselho de Baxter a respeito dos médicos é pertinente neste ponto (WC).

Richard Baxter — conselheiro e discipulador

Dr. Cláudio A. B. Marra¹

Richard Baxter, filho de Richard e Beatrice, nasceu num domingo, no dia 12 de novembro de 1615, na hora do culto, em Rowton, próximo a Shropshire.

Educado pelo avô até proximadamente os 10 anos de idade, o menino Richard cresceu em um clima de negligência espiritual. Na vila onde nasceu, a pregação era escassa, e os leitores da Escritura, ignorantes. Dois deles, seus professores na escola, levavam uma vida imoral.

A situação não era muito diferente na região onde morava seu pai. Analfabetos eram responsáveis pela pregação, pessoas cuja ordenação era colocada em dúvida. A poucos quilômetros dali, havia um punhado de ministros, anciãos de cerca de 80 anos que nunca pregavam. Havia leitores ignorantes, a maioria levando vida escandalosa. Nas redondezas, apenas uns três ou quatro pregavam com seriedade, mas quem se atrevesse a deixar a paróquia para ouvi-los seria zombado com o odioso nome de puritano.

Segundo Richard Baxter, o que o impediu de ser influenciado por tal ambiente foi haver Deus instruído e transformado seu pai pela simples leitura das Escrituras: sozinho, sem pregação, sem ajuda humana e nenhum outro livro além da Bíblia, fazendo dele o instrumento para as suas primeiras convicções. Seu pai o fez ler as partes históricas da Bíblia, e ele aprendeu a amá-las. Essa foi a base para sua elevada opinião sobre a Escritura como verdade e para o entusiasmo que demonstrou ao ensiná-la a seu rebanho, mais tarde, em seu ministério.

Baxter sonhava ir para a universidade. Porém, quando chegou o momento oportuno, tornou-se, em vez disso, assistente de Richard Wickstead, capelão do conselho do castelo de Ludlow. Wickstead não lhe ensinou formalmente, mas lhe deu bastante tempo livre e não impediu que lesse. Não se dedicou pessoalmente a ele, não o exortou, mas lhe concedeu tempo e livros para ler; não lhe deu grande ajuda em seus estudos, mas também não o atrapalhou.

A determinação com que Richard Baxter entregou-se aos estudos o fez aproveitar ao máximo aquela oportunidade, que durou um ano e meio, tempo no qual ele também recebeu a influência benéfica de um bom colega, “um vigia diário sobre a minha alma”, com quem ele caminhava, lia e orava. Não é surpresa que Baxter tenha assim aprendido o valor do contato pessoal que distinguiu seu ministério anos mais tarde. Aliás, foi precisamente esse seu amigo que lhe ensinou a orar *ex tempore*, o que o próprio Baxter ensinaria suas ovelhas a também fazer no futuro.

De volta à casa de seu pai, Richard substituiu por algum tempo seu velho professor, o sr. John Owen, e continuou seus estudos informais.

Sua saúde instável o fez extremamente preocupado com seu destino eterno e o levou a procurar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça. A teologia, então, não apenas foi parte de seus estudos como mais uma das matérias, mas ocupava sempre o primeiro e mais importante lugar. Além e acima de todo o seu interesse em livros e em aprendizado, Baxter valorizava a Escritura, a única literatura que ele considerava indispensável e que determinava o valor dos outros livros. Ele não se dava bem com matemática e línguas, mas apreciava o estudo de lógica e de metafísica, havendo bem cedo iniciado o estudo de controvérsias, exercício que aguçou a sua mente e o preparou para entender o pensamento das pessoas e explicar-lhes a Escritura de modo simples. Depois de teologia, nenhuma leitura lhe agradava mais do que

Tomás de Aquino, Duns Scotus, Durandus, Guilherme de Occam e os seguidores deles.

Por muitos anos, enquanto jovem, Baxter teve dúvidas quanto à sua salvação. Segundo ele, as causas principais eram: 1) sua incapacidade de identificar a obra do Espírito em seu coração e o fato de ele não saber o tempo exato de sua conversão; 2) a dureza de seu coração e sua falta de sensibilidade para as coisas espirituais; 3) “como se a educação e o temor não tivessem operado tudo o que jamais foi feito em minha alma, e a regeneração e o amor ainda devessem ser buscados; porque encontrei convicções de minha infância e encontrei mais medo do que amor em todos os meus deveres e restrições”. A solução que ele encontrou para essas dúvidas nos fornece uma boa ideia de sua compreensão da conversão e do discipulado como um processo.

Baxter percebeu que a educação é o modo comum estabelecido por Deus para comunicar sua graça, não devendo ela ser colocada em oposição ao Espírito, como também é o caso da pregação da Palavra. Ele compreendeu que Deus não quebranta todos os corações do mesmo modo, e seu relato de como a sua paz foi aumentada por meio dessas dúvidas é muito coerente com ele.

Futuro pastor a ser conhecido por sua dedicação ao rebanho, na catequese em particular e no aconselhamento de famílias e indivíduos, Baxter lembrou que sua paz foi muito aumentada quando a providência de Deus o chamou para confortar muitos outros que apresentavam as mesmas reclamações. Ele conhecia as respostas da Escritura e, enquanto respondia às dúvidas deles, respondia às próprias. A caridade que era constrangido a exercitar em favor deles retornava para ele e, sem que sentisse, abatia seus temores e aumentava a quietude em sua mente.

Por volta dos 18 anos de idade (1633), Richard Baxter foi mandado por seus pais para Londres, devendo ali viver com *sir* Henry Herbert,

para se dedicar a outra carreira que não o ministério. O jovem Baxter, porém, ficou um mês ali, e esse tempo já foi o bastante. A corte frívola e mundana o desagradou, e a notícia da enfermidade de sua mãe lhe deu a desculpa de que precisava para retornar ao lar.

Em 1638, Baxter foi ordenado diácono pelo bispo de Worcester e serviu como diretor da escola de Richard Folley, em Dudley, em 1639. Desse ano a 1640, foi assistente do pastor de Bridgenorth, e foi então que o Parlamento iniciou a reforma da igreja e do Estado, concentrando-se no clero corrupto. Foi designado um comitê, e de muitas partes começaram a chegar reclamações contra ministros, acusando-os de insu-ficiência, falsa doutrina, inovações ilegais ou escândalo. A pequena localidade de Kidderminster foi uma que reclamou de seu incompetente e preguiçoso ministro, homem incapaz para o ministério, iletrado, que pregava apenas uma vez por trimestre. Sua extrema fraqueza e incompreensão dos mais básicos artigos de fé do cristianismo o expunham ao ridículo; para piorar, ele frequentava bares e às vezes ficava embriagado.

A despeito da vergonhosa situação, o vigário não foi demitido. Foi arranjado para ele continuar sem as responsabilidades de vigário da paróquia, devendo, porém, separar 60 libras por ano para um pregador que seria escolhido e que ele não poderia impedir de pregar quando desejasse. Richard Baxter foi unanimemente eleito para a posição, e aceitou-a, porque acreditava na possibilidade de trabalhar numa comunidade que não havia ainda recebido séria pregação do evangelho. Isso foi em abril de 1641, e Baxter estava para iniciar um ministério que faria história.

Sua dedicação ao desenvolvimento espiritual da paróquia foi tal que ele não se limitava a pregar apenas aos domingos. Os que desejavam e tinham oportunidade de vir se reuniam com ele em sua casa, onde Baxter repetia o sermão de domingo, e o grupo apresentava dúvidas

sobre a mensagem ou sobre casos de consciência. Baxter respondia às perguntas e dava a alguns deles oportunidade de orar, para treiná-los, e ele mesmo às vezes orava e cantava um salmo com eles.

Uma vez por semana, os jovens se reuniam também e passavam três horas em oração. Nos sábados à noite, eles se reuniam na casa de alguém para repetir o sermão do último domingo e se preparar em oração para o dia seguinte.

O que, porém, tornou Richard Baxter mais famoso foi o fato de que, dois dias a cada semana, seu assistente e ele reuniam catorze famílias para catequese e conversas (o assistente visitando as famílias na paróquia, e as famílias vindo a Baxter). Havia cerca de oitocentas famílias na paróquia e ambos não conseguiam fazer mais do que isso, mas o trabalho deu bons resultados. Os encontros dos pequenos grupos e a visitação pastoral, ao lado dos procedimentos de disciplina eclesiástica e do seu programa de catequese, deram a Baxter — auxiliado por seu assistente — condições de influenciar a paróquia inteira. Ao iniciar seu ministério em Kidderminster, havia pouca piedade no povoado, mas a vida ali foi inteiramente transformada.

Para os que imaginam a dificuldade de vender semelhante ideia para as pessoas e conseguir que as famílias consentissem nas entrevistas, é bom saber que o próprio Baxter se perguntou, após iniciá-las, como havia se mantido longe de um dever tão evidente e excelente por tanto tempo. Ele havia temido as dificuldades, a resposta negativa das pessoas e possíveis resultados escassos. Porém, ao tentar, descobriu que as dificuldades eram quase nada, perto do imaginado. Os benefícios do trabalho tudo superavam.

Baxter reconheceu quanto os bons resultados se deviam ao fato de seus paroquianos terem uma ocupação que lhes possibilitava ler e conversar sobre as coisas sagradas, pois eles viviam da tecelagem e, enquanto ficavam em pé diante do tear, podiam manter um livro aberto

diante dos olhos ou edificar uns aos outros. Ele também reconheceu a vantagem de ser um pastor dedicado ao estudo, estando sempre adiante de seu povo; a vantagem de poder dedicar-se totalmente a seu povo e a seu ministério com sua gente; e a vantagem de ter permanecido dezesseis anos em Kidderminster, dois anos antes da Guerra do Parlamento e catorze anos depois. Isso lhe permitiu semear, cuidar da semente lançada e ver a planta crescer. Quem sempre muda de um lugar para o outro pode semear boa semente em muitos lugares, mas não é provável que veja muitos frutos em qualquer desses lugares.

Após algum tempo, os paroquianos passaram eles mesmos a seguir o exemplo de Baxter, fazendo discípulos e instruindo-os, exatamente como se vê na ideia de transmissão da palavra encontrada no Antigo Testamento e como o apóstolo Paulo disse a Timóteo que deveria acontecer (1Tm 2.2). Por haver fielmente usado seus dons pastorais como pastor-mestre, Baxter testemunhou em sua paróquia o que Paulo disse aos efésios que ocorreria como resultado do exercício dos dons concedidos por Cristo à sua igreja: os santos seriam preparados “para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).

Essa transmissão do espírito discipulador provou-se especialmente útil diante dos dolorosos acontecimentos que estavam por vir. Em 1660, após trabalhar pela restauração de Carlos II, Baxter recusou a posição de bispo em Hereford em razão de sua opinião negativa a respeito do bispado diocesano (Baxter defendia o que chamava de episcopado primitivo, sendo cada bispo responsável por uma igreja local). Ele preferia retornar a Kidderminster e continuar o seu trabalho pastoral, mas as autoridades o proibiram de realizar o planejado. Sua opinião e o modo com que a defendia não eram aceitos pelas autoridades.

Baxter fazia questão de não se alinhar com nenhum grupo que fosse e lutava pela unidade. Considerava-se essencialmente um católico, universal, sem facção ou filiação a qualquer partido ou o que

chamaríamos hoje de denominação, possuindo, porém, tudo o que lhe parecia ser bom em todos os grupos, tanto quanto podia avaliar, dedicando-se ao alvo máximo do seu ministério, a edificação de pessoas. Suas convicções pessoais, porém, e seu entendimento da igreja trouxeram-lhe ferozes inimigos.

Richard Baxter entrou no longamente esperado descanso eterno dos santos no dia 8 de outubro de 1691, aos 76 anos de idade.

¹O rev. Cláudio A. B. Marra é pastor presbiteriano e editor da Editora Cultura Cristã. É bacharel em Teologia e Comunicação Social, com doutorado em ministério (D. Min.).

The background of the cover is a photograph of an open tomb. A white cloth lies on the floor of the tomb. A bright light shines from an opening at the far end of the tomb, creating a dramatic beam of light that illuminates the interior. The walls of the tomb are made of rough, textured stone.

AUGUSTUS NICODEMUS

A SUPREMACIA
E A SUFICIÊNCIA DE
CRISTO

A MENSAGEM DE COLOSSENSES
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

A supremacia e a suficiência de Cristo

Lopes, Augustus Nicodemus

9788527506298

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em nossos dias, assim como na época de Paulo, a supremacia e a suficiência de Cristo têm sido desafiadas pelos mais variados tipos de heresia. Paulo escreveu a carta aos colossenses em meados do primeiro século para combater um falso ensinamento, conhecido como a heresia de Colossos. No entanto, o leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar nos dias de hoje várias semelhanças com essa heresia. Precisamente por esse motivo a carta que Paulo escreveu aos colossenses é tão relevante para o nosso tempo.

[Compre agora e leia](#)

FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

FRANKLIN FERREIRA

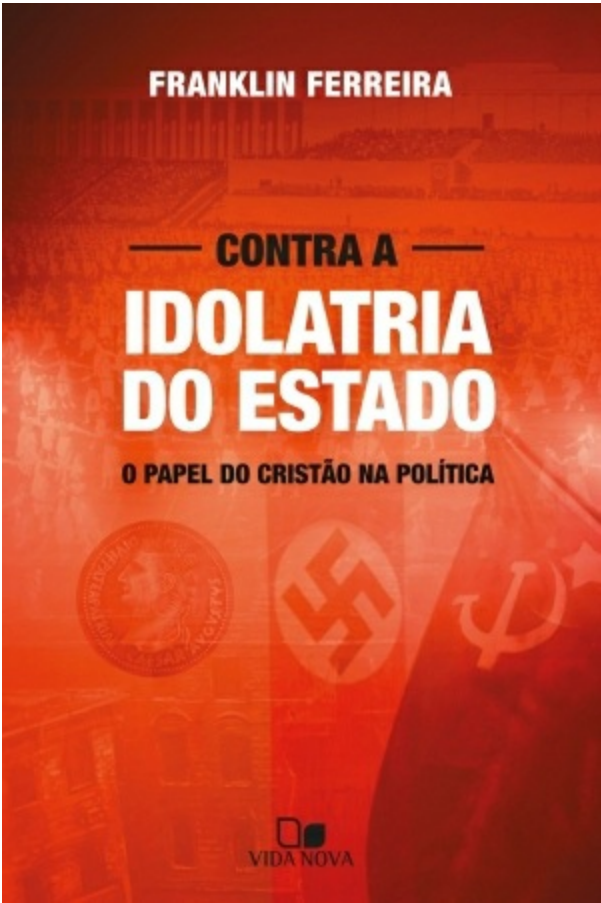
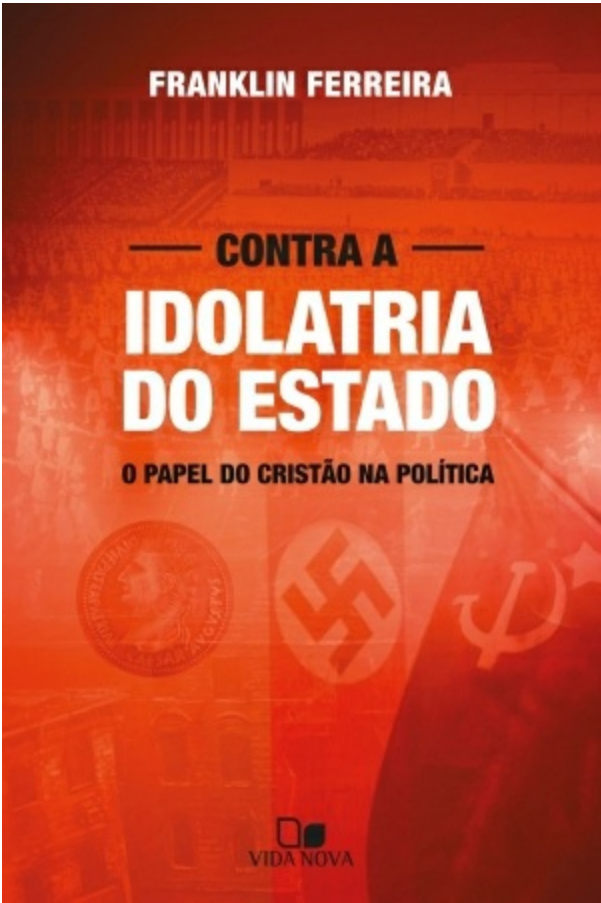
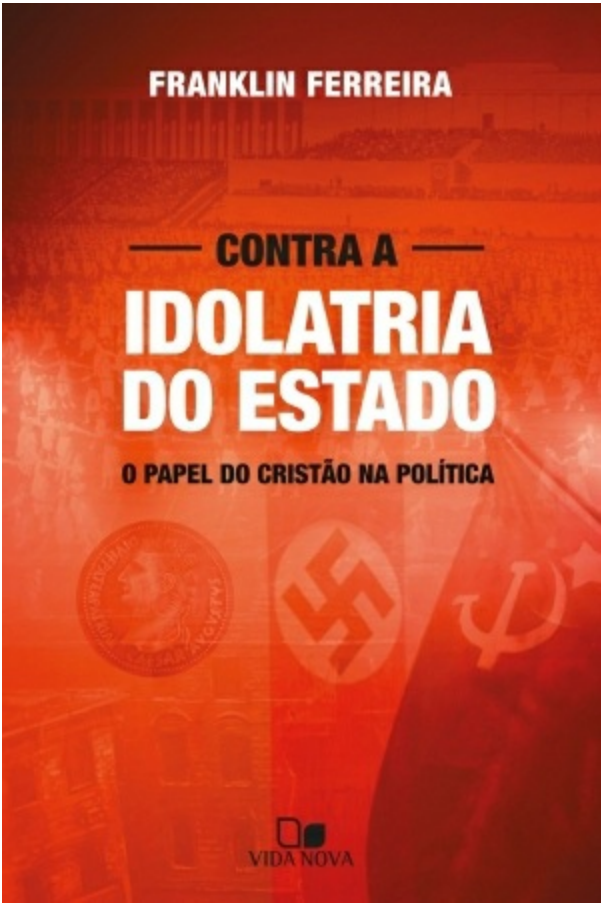
— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA



FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

Contra a idolatria do Estado

Ferreira, Franklin

9788527506649

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Contra a idolatria do Estado oferece ao leitor uma oportunidade singular de se posicionar de maneira ativa e consciente no atual cenário político nacional e internacional. Por meio da mensagem evangélica, a "religião do Estado" é confrontada e a ação política cristã é legitimada, ao mesmo tempo que qualquer autoridade humana é submetida à autoridade soberana de Deus, o único a quem devemos culto em todas as esferas de nossa vida.

[Compre agora e leia](#)

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade



A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan

9788527506540

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

[Compre agora e leia](#)



A mente de Cristo

Venâncio, Norma Braga

9788527505192

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é composto por uma coletânea formada de artigos inéditos e de uma seleção dos artigos mais relevantes que a autora já escreveu em seu prestigiado blog. Nele Norma Braga submete temas como politicamente correto, "cubanização", "totalitarismo da vítima", homofobia, sexualidade, casamento, justiça social, infanticídio, ateísmo, racismo, pedofilia e arte moderna a uma crítica rigorosa a partir do referencial dos valores cristãos e do bom senso. Ao analisar as mais estranhas ideias defendidas por líderes evangélicos em tempos recentes, Norma trata com imparcialidade conceitos similares e atuantes dentro do arraial evangélico.

Para os evangélicos esquerdistas que acham que a crítica contra aborto, feminismo, lobby gay, socialismo, marxismo e outros itens caros à agenda da esquerda é coisa de pastores e teólogos machistas, este livro vai cair como uma bomba no quintal deles.

[Compre agora e leia](#)

Série Cruciforme

Dan Cruver, ORG.

John Piper

Scotty Smith

Rick Phillips

Jason Kovacs

ADOÇÃO

VIDA MISSIONAL PELA REDESCOBERTA

DO ABA, PAI




VIDA NOVA

Adoção

Cruver, Dan

9788527505147

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você entende o verdadeiro significado da adoção?

A nossa adoção por Deus é, muitas vezes, algo difícil de compreendermos. Contudo, não se trata apenas de um conceito teológico que devemos entender intelectualmente. Este livro nos mostra que ela deve nos levar a um viver missional, a viver a missão de Cristo, amando os órfãos, as viúvas e os desamparados deste mundo. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19).

Organizada por Dan Cruver e com a participação dos autores John Piper, Scotty Smith, Richard D. Phillips e Jason Kovacs esta obra vai certamente ajudar o leitor a compreender o maravilhoso amor adotivo de Deus.

[Compre agora e leia](#)